ILUSTRAÇÃO

O LEVITA DE EFRAÏM

Quadro de Couder — Gravura de T. Caron

16-OUTUBRO-1937 N.º 284 — 12.º ano PREÇO - 5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

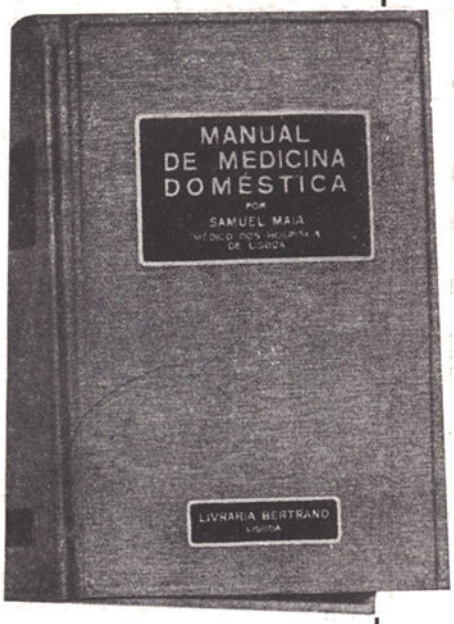
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.



Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência.** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 05 1913 sob o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11$50**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

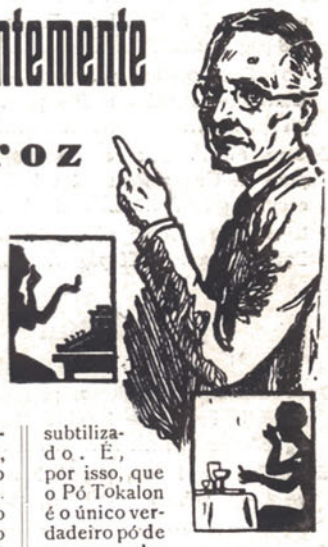
O Pôr Constantemente

Pó de arroz

é Mau

Para a Pele

—diz um especialista



Muitas senhoras julgam dever pôr pó frequentemente, para impedirem o brilho do nariz ou o luzidío do rosto. Nunca lhes vem ao espírito um pouco de reflexão sôbre o efeito que isso poderá ter na pele.

Uma idéia nova e engenhosa permite agora a tôda a mulher o empoar-se uma só vez de manhã para todo o dia. Uma colher de café de «mousse de crème» misturada com o pó de arroz preferido torna o tão tenaz e aderente que se conserva mesmo com sol, ou a chuva ou ainda na mais aquecida das salas de baile.

No Pó Tokalon, o «mousse de crème» está cientificamente misturada com o mais fino pó subtilizado. É, por isso, que o Pó Tokalon é o único verdadeiro pó de arroz de «mousse de crème». Actua como um maravilhoso tónico da pele, estimulando os tecidos e não obstruindo nunca os poros — como poderá acontecer se nos empoarmos constantemente.

Amanhã de manhã, aplique o Pó Tokalon no rosto e observe os resultados.

À venda nos bons estabelecimentos de perfumarias. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. ... 12$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs, com 69 grav. e 30 est... 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, pela Direcção da Biblioteca de Instrucção Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. ..... 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. ..... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. ..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. ..... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. .... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras ..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. ..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. ..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das Construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 volume de 356 págs., com 168 grav. 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. ..... 15$00

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. ..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 gravuras ..... 15$00

Encanamentos e Salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras. ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav ..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 400 págs., com 448 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. ... 18$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 424 págs. e 246 grav. ..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas ..... 15$00

Fogueiro, pelos eng. António Mendes Barata e Raul Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. ..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras. ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. ..... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. ..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas. ..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna), pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. ..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs. com 139 gravuras. ..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. ..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e major Mousinho de Albuquerque — 1 vol ..... No prelo.

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raul Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. .... 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. ..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 26 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. ..... 15$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73-75 - LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO

DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

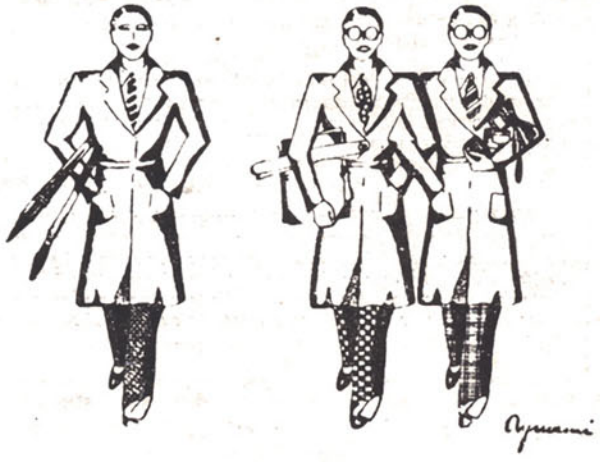
Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 21308
BERTRAND IRMÃOS, L.DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

Horas sem sofrer...
Horas felizes

A inexgotavel fonte da felicidade do lar é a franca alegria de viver. Esta precisa portanto ser conservada acima de tudo, banindo a dôr da da vossa vida, o que é facilimo se tomardes imediatamente

Cafiaspirina

assim que surgirem dôres de cabeça ou de dentes.

BAYER

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73. R. Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

A APARECER BREVEMENTE
A NONA EDIÇÃO, REVISTA
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VERDADE
NO VOSSO HOROSCOPO

Certos factos passados, da sua vida seus projectos futuros, suas possibilidades financeiras e muitos outros assuntos confidenciais lhe são revelados pela Astrologia a mais antiga ciência da História. A mesma ciência lhe revelará os seus projectos de vida, felicidade conjugal, amigos e inimigos, sucesso em suas emprêsas, questões legais, especulações e muitos outros assuntos de interêsse vital.

Professor ROXROY O eminente Astrólogo

Deixe-me dizer-lhe quais são as fôrças cósmicas que podem influir na sua vida e modifica-la por completo, trazendo-lhe ao mesmo tempo o sucesso, a felicidade e a prosperidade, em vez de se expor à falência e ao desespêro. Essas fôrças podem estar agora mesmo convergindo para si. A sua interpretação astrológica ser-lhe-á descrita em linguagem clara e simples em Português e não menos de duas páginas completas.

Tenha o cuidado de indicar na sua carta a data da sua nascença, seu nome e endereço bem legivelmente escritos e com a sua própria mão. Se quizer pode mandar 2$50 para cobrir as despesas postais e de escrituras. É preciso escrever imediatamente se quizer receber o meu trabalho ràpidamente. Pode ser que esta oferta não seja talvez renovada por isso, queira escrever já para: ROXROY Dept. 6602 D. Emmastraat, 42, A HAYA (Holanda). Sêlo para a Holanda: 1$75.

NOTA. — O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. Ele é o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do Continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais êle pede uma remuneração, serão feitos sob condição de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 284 — 12.º ANO
16 - OUTUBRO - 1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

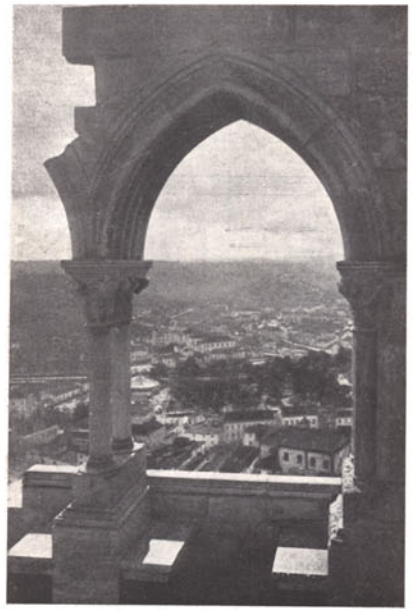
Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O EIXO ROMA-BERLIM

MUSSOLINI visitou Berlim. Êste acontecimento interessou todos os países do Mundo, dando-lhe cada um a interpretação que melhor entendeu. O Duce, discursando, salientou que "o eixo Roma-Berlim tivera origem nas sanções aplicadas à Itália pela Sociedade das Nações, quando da invasão na Abissínia„ e recordou que a Alemanha não aderira a tais pressões.

Por sua vez, o *Giornale d'Italia,* na sua qualidade de seguro porta-voz da opinião italiana, afirmou que a "solidariedade entre os dois países é consagrada pelo eixo Roma-Berlim, cuja solidez é o ponto de partida da sua política externa„. A seu ver, êste eixo "pode abrir largas possibilidades internacionais, especialmente para a defesa contra o comunismo destruidor„.

E, quanto à visita de Mussolini às fábricas Krupp? Os meios oficiais italianos explicam-na desta singelíssima maneira: como estas fábricas são as fornecedoras da Marinha italiana no que diz respeito a peças de grosso calibre, principalmente de canhões de 480, naturalíssimo seria que o Duce as visitasse. A gravura acima apresenta Mussolini, acompanhado por Hitler, passando revista à guarda de honra após a sua chegada à capital do Reich.



Leiria vista da Alcáçova do Castelo

O amplo terreno livre que defronta a igreja da freguesia dos Milagres, apinha-se de milhares de forasteiros. Grande telheiro em volta, divisórias que nos falam da antiga concorrência à romaria, abriga os fieis vindos de mais longe. Tendas ambulantes, com as mercadorias habituais, não faltando a ourivesaria barata, encanto do povo rural, onde a muitos fica o olhar. Filas extensas de bugigangas, dôces e frutas apreciáveis. Toneis empoleirados, com seus devotos em volta. Bailaricos, ao som das duas alternadas bandas e também de música ocasional, pelos mais variados instrumentos. Três mulheres, uma apenas tipo aciganado, lêem sinas nas mãos calejadas dos rapazes e nas linhas também esbatidas pelo trabalho áspero das camponesas. E ouvem religiosamente, a cinco tostões por consulta, os segredos do seu futuro incerto, mas que lhes dizem agora sorridente. A melopeia sonolenta a todos prediz um casamento de gôsto, filhos abençoados, alguns ou muitos haveres, vida sempre para cima dos setenta, salvo alguma doença grave, a que alguns consulentes estão expostos, ou males do coração que as adivinhas também por vezes prenunciam. Bastantes, fingindo que descrêem, vão prazenteiros ou pensativos, não tenha o diabo da mulher atinado...

Não é preciso descermos ao povo, para toparmos com certas pessoas bem conceituadas que em videntes ainda acreditam!

Quantas moedas não daria eu, para me predizerem, não o futuro, que êsse prevejo agora bem, mas outras incertezas afectivas que me atormentam!

Detenho-me agora no exame exterior da igreja. Bela construção, talvez do gôsto quinhentista, a destoar da pequenez do logarejo que padrôa. Produto dos milagres. Na sua fachada ampla, um elegante varandim ao alto e centro, subindo a cada um dos topos as tôrres airosas, de cúpula quási manuelina. Enquanto sai a procissão, pois antes não me foi permitido fazê-lo, apinhadíssimo que estava, embora grande, vou então observar o templo por dentro. Uma nave apenas, mas alta e abobodada em múltiplos arcos, saindo das paredes laterais, de forte espessura. Semelha um pouco a Sé da cidade, influenciada esta pelos dois mosteiros soberbos, de que falei, mas sem as riquezas das colunas que na matriz episcopal de Leiria, altíssimas também, não tem a beleza daqueles templos. Altares vários, de talha época.

Na capela-mór, azulejos diversos com legendas dos milagres, vendo-se também quadros ingénuos nas paredes laterais, promessas votivas, e muitas outras singelas oferendas dos crentes que alcançaram, nas doenças graves, o favor celestial, através do bom Senhor dos Milagres.

Os médicos dos poucos enfermos a quem foi dado tê-los à cabeceira, que perdôem a ingratidão humana dos que em muito lhes ficaram devendo a cura. Mas o que seria a medicina sem a fé? Não é certo que de um milagre espera sempre a humanidade a solução de tantas e tão graves contendas que dividem e agitam os povos?

Deixemos às almas simples a fé que as anima. Mas grande pecado será desviá-las do fito das duras realidades terrenas.

* * *

Chegam os círios. Curiosos estes que vejo. Onde se perderá a sua tradição remota? Interessante estudo a fazer, num belo capítulo das religiões comparadas, ou, antes, da migração multimilenária da primeira crença do homem, fôsse ela o terror do desconhecido, ou revelação sobrenatural, desde os confins da China às margens do Nilo, do monte Sinai ao monte Olivete, das tábuas de Moisés às visões de Jesus e de Mahomet.

Na pequena cidade de Macau, na península industânica, nas costas africanas e nas orlas do Mar Vermelho, surpreenderam-me sempre vários ritos simbólicos que, mais maduramente apreciados, notei que passaram por tôdas as religiões e foram depois adoptados pelo cristianismo. O culto do fogo, primeiro e último do homem; as maias; a benção das searas e do mar, as cinzas do *memento homo* quaresmal, tantas e tantas outras práticas de fonte comum, são uma afirmação testemunhada do sentimento inato da religiosidade do homem, qualquer que seja a forma que tomou.

Os círios populares desnorteiam-me sempre, tal a sua diversidade, de região para região. Suponho alguns dêles, os mais recentes, manifestações agora variadas do culto do Espírito Santo, ainda com certo sabor primitivo na Beira-Baixa e nos Açôres. O de Leiria, a êste grupo deve pertencer. Vai também para a romaria, como os dos lugares adjacentes à freguesia da invocação dos Milagres. Os juízes, com seu estandarte, mas sem qualquer instrumento, como se usa na Beira. Um garoto, ladeado por dois outros, empunha também a sua bandeira, os três de mantos coloridos e ostentando, na cabeça, capacetes romanos. Volteiam a cidade, com a banda à frente, recitando uns versos alusivos na antiga praça citadina, pondo-se depois, a caminho.

Mas os outros círios das aldeias são mais pitorescos. Por devoção, ou em agradecimento de um favor do santo, as raparigas percorrem a povoação, obtendo donativos. Com êles fabricam o trigo estreme, em bolos de tosca arte, assam e córam galinhas e coelhos, tudo isto conduzido procissionalmente para o local da festa, em andores enfeitados a papel colorido, a que juntam ovos, cachos, maçãs, pão, queijos pequenos, etc. No alto do andor, que quatro garridas moçoilas conduzem, com a banda local, havendo-a, colocam o dinheiro sobrante, ou para isso votivamente ofertado, em notas, contando eu nalguns andores, quantias entre 150$00 e 300$00, num estrelado em forma de custódia, que encima os atraentes andores.

O padre Lacerda, prior da freguesia, ostentando sôbre as pequenas vestes talares algumas medalhas militares de capelão da Grande Guerra, sobrepondo-as, e bem, às vestes rituais, vem receber os círios, numa azáfama alegre, enquanto dentro do templo se prega um sermão alusivo.

A procissão do dia, puramente pagã, consta então dos círios, ladeados, cada um, pelo povo respectivo, por filas de crianças de ambos os sexos, os rapazes hasteando paus com maçarocas de milho branco, espetadas em diagonal à haste, e as pequenitas conduzido à cabeça as suas modestas oferendas — batatas, ovos e cereais em cestinhos enfeitados. Tocante manifestação, cuja tradição se perderá na eternidade já passada dos séculos, mesmo antes de Cristo haver subido o Calvário. Atraz dos círios, as irmandades, de cruz e estandarte erguidos, seguindo-se a fila tradicional dos devotos milagrados, empunhando velas ou vestindo as mortalhas com que esperavam baixar à sepultura, no transe da agonia de que se livraram.

Essas mortalhas brancas é que lançam uma escusada nota trágica no conjunto pitoresco da romaria, a que também não faltam os anjos, de exquisitas cabeleiras postiças, alguns, a desmentirem a singeleza curiosa do acto. Fecha o cortejo o pálio rico, debaixo do qual, paramentados luzentes de sedas e oiro, conduzem uma custódia esmaltada ricamente, abrigando a hóstia consagrada.

* * *

Enquanto no amplo adro da igreja, alpendrado na fachada e nas faces laterais, se disputa agora o preço das oferendas dos andores, recolhido já na sacristia o dinheiro que conduziam, no terreiro fronteiro as cachopas dançam. Rostos frescos de maçã camoeza, em plena maturação. Alguns tipos esbeltos, que o trajo domingueiro mais realça. O lenço triangular, artisticamente posto sôbre cabeleiras invejáveis, a que o barbeiro moderno ainda não chegou. Sáias plissadas, de donairoso corte, a dizerem bem com as blusas coloridas que encobrem bustos magníficos.

* * *

Na volta para a cidade, encontro pelo caminho muitos romeiros fatigados, em caravanas de jumentos ajoujados. Algumas donzelas, ainda de chaile airosamente dobrado no braço, tiram agora os sapatos vernizados e as meias finas, mais à-vontade assim fazendo a caminhada, e também mais no seu meio natural da vida sàdia se sentindo.

Mendigos, exibindo aleijões e chagas, tantas vezes propositadamente mantidas, uma faceta do grande e negro quadro da nossa civilização, imploram, pungentes, uma esmolinha pelo bendito amor de Deus...

* * *

Da janela do meu quarto vejo, a um lado, o abandonado castelo, que outrora dominou. Do outro, os ciprestes nostálgicos do cemitério, numa colina oposta. Símbolos da guerra e da paz. Guerra permanente, cruel, na luta sempre trágica da humanidade, e a paz sepulcral dos túmulos, aquela em que alguns dizem melhor viver-se. Nem uma nem outra eu queria. Se assim fôra, para que as romarias populares?

* * *

Assomo à janela. Surpreende-me a iluminação feérica que vejo por entre as acácias que ornam os muros do cemitério. Potente farol há-de ser, para projectar uma luz que branqueia, assim, no silêncio da noite, os mausoléus dos mortos. Mas o foco sobe, lenta e majestosamente, recortando agora, numa nitidez atraente, os ciprestes simbólicos.

Era a lua cheia, na sua doirada refracção crepuscular, que se erguia, serena e acariciadora, no horizonte escuro. E subindo, subindo, tomava então o prateado luzente dos sonhos poéticos. Reflectindo, agora do alto, os raios luminosos do disco-rei, queria êle dizer-me que só a sincera colaboração dos homens, na busca de um futuro melhor, há-de trazer-nos a todos, no anseio perpétuo, o bem estar e as venturas a que aspiram as almas bem formadas.

E nessa convicção adormeci.

Leiria, Setembro, 1937.

DOMINGOS DA CRUZ

A entrada da cidade de Leiria

A igreja dos Milagres

Ruinas do Castelo

DIGRESSÕES EM PORTUGAL

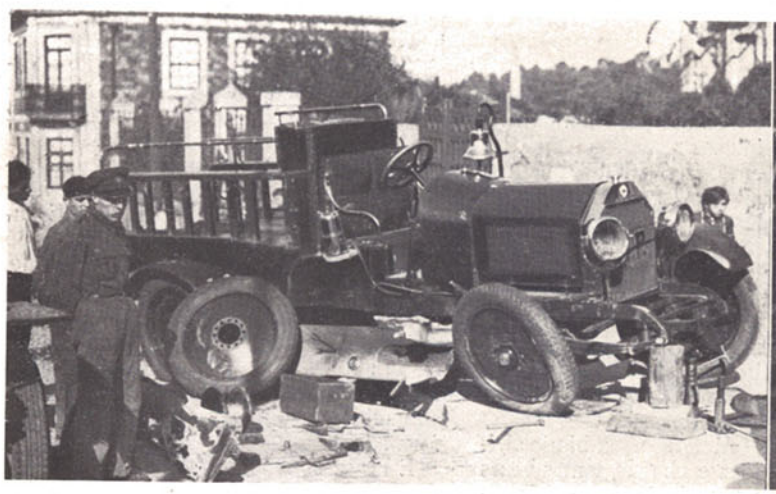
ROMARIAS POPULARES

O Senhor dos Milagres próximo de Leiria

NOTAS DA QUINZENA

Por iniciativa do chefe do distrito, 1050 crianças pobres foram passar algumas horas em Caxias, tendo-lhes sido dado um almôço. As gravuras acima mostram o sr. Presidente da República e sua esposa visitando o gracioso acampamento, onde provaram a refeição que foi oferecida à petizada. Calcula-se a alegria dos pequeninos através dum tão sugestivo passeio, entre confortos a que não estavam habituados

Um aspecto do ataque ao incêndio que destruiu duas das mais importantes fábricas de Famalicão e três prédios, causando prejuizos avaliados em milhares de contos. A imponência terrível das chamas avistava-se de muitas léguas de distância. No ataque ao incêndio, em que os bombeiros se portaram como verdadeiros heróis, foram empregadas 70 agulhetas. Ainda assim, o pavoroso combate durou muitas horas



Num embate entre uma viatura dos bombeiros municipais da Foz do Douro e um táxi, no Porto, eis o estado em que o carro dos bombeiros ficou, além dos ferimentos recebidos por quatro dos seus tripulantes. — *A' direita:* Os figurantes do cortejo da Festa Cristã do Trabalho realizada no Palácio de Cristal do Porto

A GUERRA NA CHINA

Durante o ataque a Tien-Tsin, oficiais chineses observam os movimentos do inimigo. — *A' direita:* As Portas de Feng Tai, pequena cidade situada nos postos avançados de Pequim e que se encontram guardadas militarmente, após terem sido tomadas tôdas as precauções

Um grupo de oficiais japoneses observam as evoluções do ataque às Portas de Tien-Tsin. — *A' direita:* Soldados japoneses prestando as derradeiras homenagens aos seus camaradas mortos, no acto da cremação dos cadáveres. Na fumarada que se evola parece ir a alma dos herois

Soldados japoneses abrindo trincheiras no norte da China a-fim-de consolidarem as suas posições. — *A' direita:* O porto de Xangai, vendo-se o hotel Cathay sôbre o qual caíram as primeiras bombas chinesas

Uma instalação radiogonométrica

A célebre aviadora americana Amélia Earhart empreendeu, como é sabido, nos primeiros dias de Julho, um vôo na Nova Guiné, com o fim de terminar o seu vôo mundial sôbre a Ilha de Howland e o Hawaï, nas proximidades do equador. Levava o seu «Laboratório volante» e o companheiro Nooman.

Tendo errado o rumo da Ilha de Howland, avisou pela onda que lhe fora reservada, ir-se-lhe acabando o combustível. Foi esta a última notícia obtida da intrépida aviadora.

Nos dias seguintes, numerosos rádio-aficionados, e até alguns centros oficiais, informaram ter ouvido a voz de Amélia Earhart, gritando aflitivamente por socôrro. Estes gritos, muítos débeis, chegaram apenas em fragmentos, não podendo ser controlada, como se calcula, a sua verdadeira proveniência, e se não se trataria de alguma brincadeira de mau gôsto.

De qualquer maneira, parece estar decidida a sorte de Amélia Earhart.

Se os gritos de socôrro procediam efectivamente da aviadora americana, não podemos deixar de estranhar que qualquer das estações oficiais ou não oficiais, não conseguisse fixar a situação do avião na Oceania ou a sua aterragem forçada em Atoll.

Já hoje não é difícil marcar seguramente um rádio-transmissor e comprovar a direcção das comunicações recebidas. E, se em dois sítios diferentes, se comprova esta direcção, obtem-se o ponto de intersecção, isto é, a situação do transmissor, processo êste empregado diariamente na aeronáutica. O mais assombroso é que os sitios determinados nêste caso apresentavem diferenças de mais de mil quilómetros!

Ignorando-se, de ciência certa, onde procurar a aviadora, foram empreendidas pesquisas em meia Oceania. Barcos americanos, japoneses e australianos dedicaram-se semanas inteiras a procurar a aviadora, figurando entre êles um porta-aviões dos Estados Unidos, cuja esquadrilha de cêrca de 70 aviões varreu grande parte daquelas águas, depois de ter sido pesquisada a parte restante por três aviões de catapulta de outro barco de guerra norte-americano.

Nestas duas semanas os barcos e os aviões cobriram seguramente mais de meio milhão de quilómetros quadrados com o fim de dar com o paradeiro de Amélia Earhart. Tudo resultou inútil, visto não ter sido recebido qualquer radionotícia àcêrca da sorte da infortunada aviadora, e ser, portanto, difícil empreender a busca com possibilidades de êxito.

Ficará sendo, portanto, um enigma eterno a razão de não ter sido possível à aviadora indicar o sítio onde se encontrava, e porque falhou o serviço radiotelefónico dum empreendimento tão arriscado que as autoridades americanas se haviam proposto patrocinar e favorecer por todos os meios possíveis.

Surpreende também a notícia dum jornal, afirmando que as baterias para o aparelho radiotelefónico estavam de tal maneira sujeitas à asa do avião que não era possível que a sua instalação funcionasse ao cair no mar. Amélia Earhart tripulava um avião terrestre,

Amélia Earhart no seu avião

A CONQUISTA DA

O mistério de

As ondas curtas e ultra-curtas

cuja energia electrica, durante o vôo, era subministrada pelo motor.

Se os dois aviadores, que pretendiam explorar uma nova rota aérea entre a California e a Austrália, não caíram ao mar durante a tempestade, não resta a mais leve dúvida de que o rádio falhou desta vez como navegante aéreo.

Devemos confessá-lo francamente, tanto mais que casos dêstes sucedem muito raramente. Em contrapartida, a navegação radiotelefónica chegou a ser o mais seguro servidor da tráfico aéreo, a tal ponto, que o tornou como é na actualidade. Devemos ter em conta a radiogonometria que permite determinar o lugar onde se encontra um avião, e tudo isto de outro avião qualquer, ou, conjuntamente, de duas estações terrestres, como acima dizemos.

Enquanto os horários da Deutsche Lufthansa, por exemplo, não podiam ser levados a cabo antes da introdução dos aparelhos radiogométricos senão em 60 por cento dos casos, e isto apenas no verão, consegue-se agora a possibilidade de os realizar em 95 por cento, tanto de verão como de inverno.

É indubitável que o serviço radiogonométrico para o tráfico aéreo está perfeitamente organizado na Europa Central. E, já agora, devemos salentar que, nos últimos três anos fôram montadas até nas regiões mais afastadas e pouco concorridas — onde constituem um elemento indispensável — instalações radiogonométricas para fixação do têrmo da viagem, que nada deixam a desejar, tanto no Brasil como na China, por exemplo, e para os vôos regulamentares e de ensaio sôbre o Atlântico e o Pacífico.

Em aeronáutica é necessário ter em conta, como fica dito, que a marcação da terra, segundo a determinação da posição e a tomada da rota tenham lugar desde a terra ou desde o avião. As estações radiogonométricas terrestres, quando são requeridas radiotelefonicamente desde o avião, determinam o rumo necessário ao aeroporto ou a posição ao sítio actual para onde se dirige o vôo e põem o resultado no conhecimento do avião, como se se tratasse

VASTIDÃO DOS ARES

Amélia Earhart

ao serviço da navegação aérea

duma notícia sôbre o tempo ou àcêrca duma tempestade.

Enquanto, mais denso era o tráfico aéreo, especialmente no centro da Europa e na América do Norte, menor se tornava a possibilidade que o serviço terrestre tinha de prestar um auxílio eficaz a cada piloto. Este ficava atido aos seus próprios meios como dantes.

Agora já não sucede assim, visto o piloto poder contar com outros meios técnicos muito mais perfeitos, com aparelhos muito mais finos (se assim nos podemos exprimir) que oferecem ainda a vantagem de obter maior alcance que o dos aparelhos terrestres. O alcance dêstes não vai além de 120 quilómetros, ao passo que a dos aparelhos radiogonométricos de bordo chega e passa, por vezes, de 1.000 quilómetros. Qualquer transmissor de importância pode tomar a rota facilmente, e os aparelhos radiogonométricos de precisão são já capazes de marcar o menor desvio, fazendo-o através do auricular ou casco de cabeça, ou visivelmenie no indicador visual. A exactidão da róta obtida automaticamente não oscila nêstes aparelhos mais que 10 de ambos os lados, isto é, ao tomar a rota de um transmissor situado 100 quilómetros por exemplo, o avião pode chegar, com auxílio do auricular ou do aparelho visível, a um ponto situado, no caso mais desfavorável, a 1 quilómetro de distância dêste transmissor.

Actualmente está sendo construida na Europa uma rêde de «rádio-farois de aviação», de que se encontra já, em parte, em serviço. Cada três rádio-farois emissores, dispostos em triângulo, funcionam sôbre a mesma onda, e um atraz do outro, sendo o seu alcance de 300 quilómetros. A Telefunken equipa, no total, 40 importantes aeroportos europeus com rádio-farois emissores desta classe, entre os quais oito alemães. Projecta-se fazer com que as emissóras rádiofusoras trabalhem, uma vez terminado o trabalho diário, como rádio-farois, para a marcação própria.

Para se assegurar uma boa aterragem, especialmente quando faz mau tempo ou nevoeiro, tem sido empregada nêstes últimos anos a onda ultra-curta, menos ocupada pela rádiodifusão e a rádiotelefonia comercial. Segundo êste processo, completamente novo, com três transmissores dispostos um atraz do outro e em faces estreitas pode formar-se uma trajectoria de proximidade em volta do aeroporto que permita ao piloto, mediante uma indicação acústica ou visual, dirigir-se directamente ao termo do vôo.

Devemos ter em conta, no entanto, que a radionavegação aérea, não obstante o grau de aperfeiçoamento e de segurança que alcançou nos últimos anos, não chegou ainda ao termo do seu desenvolvimento. Continua sendo uma malfadada fonte de êrros o chamado efeito nocturno: surge a circunstância de que a marcação que funciona duma maneira impecável durante o dia é perturbada pela «onda indirecta» ao chegar a noite. A irradiação eléctrica do transmissor alcança o receptor do avião por dois caminhos diferentes, um curto ao longo da superfície terrestre, e outro grande produzido pela reflexão da estratosfera que actua à guisa de *écran*.

Compreende-se no acto que só a onda que vem directamente do transmissor é a que determina a direcção, e não a indirecta, isto é, a que chega obliquamente de cima.

A Telefunkem acaba de desenvolver um processo e um aparelho em que o quadro de uma válvula de Braun igual à empregada na televisão pode separar-se visívelmente da onda indirecta a directa, e assim graças ao facto de percorrer um caminho mais curto, chega antes da outra. Segundo um processo inglês, a antena que pende obliquamente do avião ou a antena de quadro é substituída por quatro antenas verticais, sensíveis únicamente às ondas horisontais, às que chegam ao longo da superfície terrestre, eliminando assim, não só o efeito nocturno, mas também os erros da marcação.

Amélia Earhart

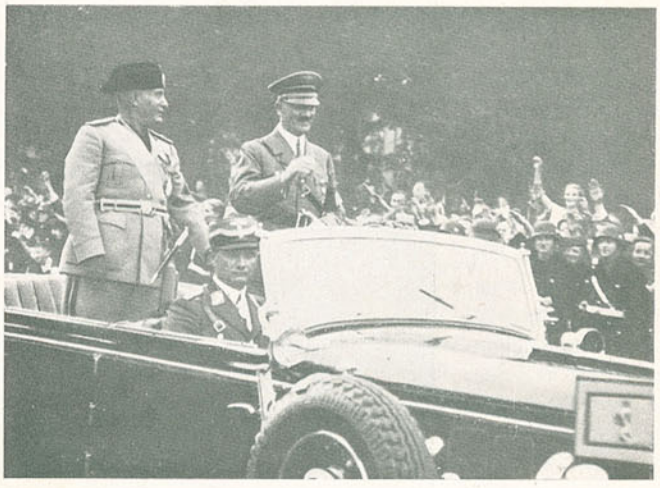
Finalmento, urge fazer constar que continuam a ser envidados todos os esforços no sentido de comprovar a utilidade das ondas eléctricas não utilizadas ainda devidamente na navegação aérea.

Nova York, Setembro de 1937.

ANDRÉ LION

A instalação radiogonométrica funcionando

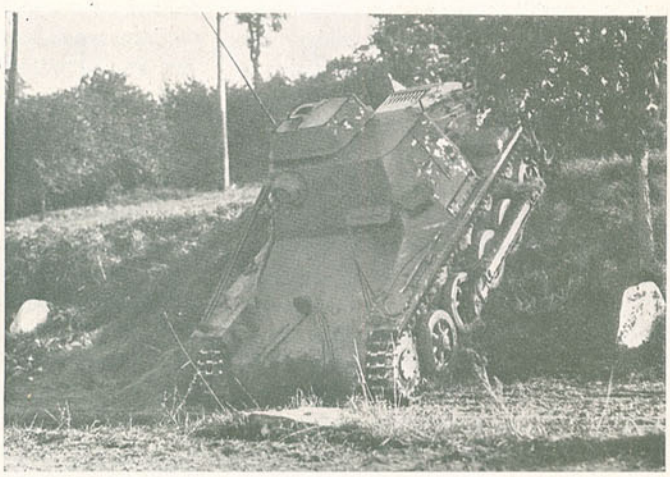
VISÕES DE ALÉM-FRONTEIRAS



Mussolini e Hitler atravessando as ruas de Berlim por entre as aclamações da multidão entusiasmada. Foi desta visita que surgiu o eixo Roma-Berlim que tantas esperanças e tantas desilusões está causando em todo o Mundo

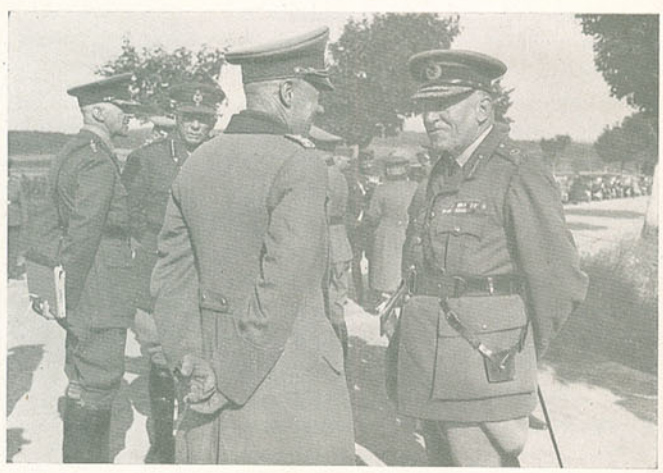
Um curioso aspecto do Campo de Maio (Maifeld) em Berlim por ocasião dos discursos de Mussolini e do Führer. A multidão, apinhada, como a gravura mostra, ouve a palavra dos grandes chefes dos dois grandes países

O presidente da Federação Francesa dos Antigos Combatentes, sr. Berard e o chefe da União das Vítimas Alemãs da Grande Guerra, sr. Oberlindober, passando revista à guarda de honra em Berlim



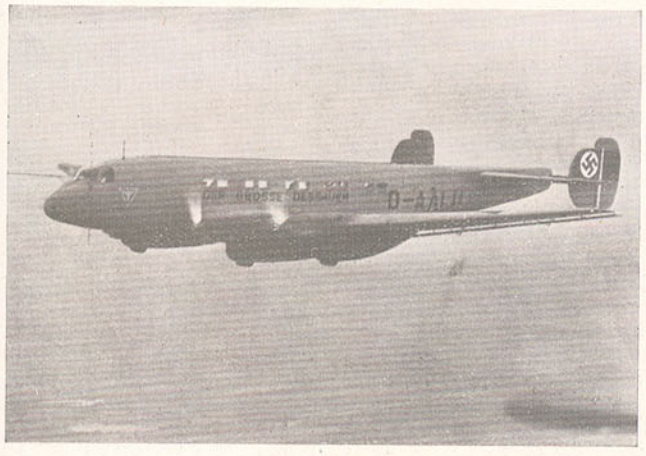
Um dos formidáveis «tanks» que figurou nas manobras de Outono do exército alemão. A nossa gravura apresenta o monstro de aço em plena marcha, atravessando os terrenos mais acidentados, e sempre incólume

O general Beck à (esquerda), o ministro húngaro da Guerra, general Röder (ao centro), e o marechal Badoglio (à direita), conversando após terem assistido como espectadores às manobras de Outono do exército alemão

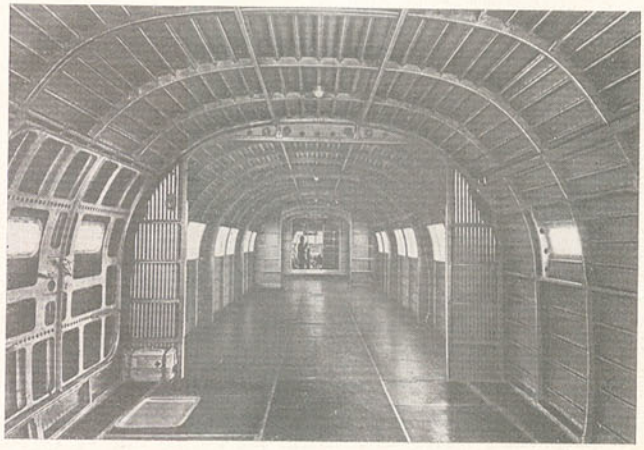


O chefe do Estado Maior inglês, sir Cyrill Deverell conversando com o chefe do Alto Comando do Exército Alemão, capitão-general Frh. von Fritsch durante as manobras realizadas pelo exército da Alemanha

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

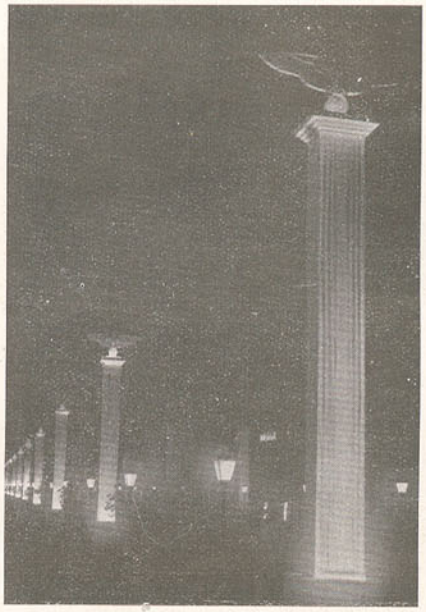


O novo avião «Der grosse Dessauer» destinado a grandes distâncias. Tem espaço para 40 passageiros e vôa a uma velocidade de 300 quilómetros por hora



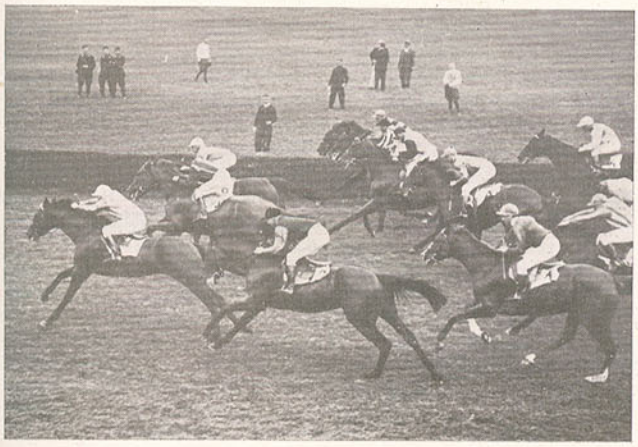
Aspecto da cabine dos passageiros no novo grande avião alemão «Der grosse Dessauer» que está causando verdadeiro assombro no mundo

Aspecto do edifício da administração da federação geral francesa dos chefes de emprezas em Paris, após o atentado dinamitista



Um curioso aspecto da majestosa Avenida das Tílias em Berlim artisticamente iluminada por ocasião da recente visita de Mussolini

Um dos tão celebrados postos da televisão-telefonia inaugurada agora entre a capital do Reich, Munchen, Leipzig e Nurenberg



A corrida hípica no Berlim-Hoppegarten para a disputa do «grande prémio da capital do Reich», dotado em 190.000 R. M. Ficou vencedora a égua francesa «Corrida» após uma prova brilhante

Da esquerda para a direita: O embaixador francês em Berlim, François Poncet; dr. Goebbels, ministro do Reich; M. Boussac, dono da égua que ganhou a corrida, e o embaixador Von Papen

Catarina de Bragança, por Sir Peter Lely

NÉVOAS DO PASSADO

Catarina de Bragança -rainha de Inglaterra

O suplício dum coração que acreditou na utopia do amor

QUANDO anunciaram à infanta D. Catarina de Bragança que tenciona-vam dá-la por espôsa ao rei Carlos II de Inglaterra, a juvenil princesa, filha de D. João IV, ergueu a fronte curvada sôbre o seu livro de Horas e quedou-se pensativa, com as lindas mãos estilizadas de patrícia florentina pendentes e inertes, e os formosíssimos olhos negros perdidos num lânguido sonhar, evocando a romântica personalidade e a aventurosa existência do príncipe que lhe tinham escolhido para noivo.

E, uma a uma, tôdas as circunstâncias da vida de Carlos Stuart, tôdas essas gloriosas e terríveis circunstâncias que o aureolavam dum tão maravilhoso prestígio, acudiram à memória da infanta.

Reviu a odisseia do pai do noivo, o infeliz Carlos I, destronado, após oito anos de renhida guerra civil, vendido como outrora Cristo na Judeia, por uma soma de oiro, e morto, no cadafalso, com a dignidade dum rei e a resignação dum mártir.

Recordou a existência da mãe, Henriqueta de França, a corajosa e dedicada espôsa do perseguido monarca, defendendo até o último momento com uma energia absolutamente varonil, o seu desventurado marido.

Relembrou, depois, a acidentada vida dêsse Carlos II, que lhe davam agora como espôso, vida que, tendo belos dias de sol à sua nascença, teve também noites sem luar até à ascensão ao trono da Inglaterra.

O pobre e persistente Carlos!

Primeiro, a sua infância despreocupada e feliz, decorrida no ambiente de magnificência e grandeza dos palácios reais; mais tarde, a retirada para França com a mãe, o refúgio em Paris, a adolescência miserável a que a avareza do Cardial Mazarino e as dificuldades da rainha Ana de Austria o condenaram; em seguida, a sua entusiástica entrada em Edimburgo quando, proclamado rei em 1650 pelos escocêses, viera pôr-se à frente das fôrças reünidas; de 1650 a 1651, a sua coroação em Scone, uma série alternada de vitórias e revezes até à derrota final em Worcester; depois, a fuga, através de mil perigos, sôb múltiplos disfarces, seguido, de perto, pelos soldados de Cromwell, o seu terrível adversário que lhe tinha posto a cabeça a prêço, escapando sempre por um fio, graças à dedicação dos partidários da causa realista e aos seus inúmeros estratagemas; após a chegada a França, a sua expulsão dêsse país e o exílio na Holanda, onde ainda o fôra perseguir o implacável Cromwell. Finalmente, em Maio de 1660, o regresso triunfal a Inglaterra, chamado pelos seus próprios súbditos, sem guerras, sem lutas, sem uma única gôta de sangue derramada!

Catarina de Bragança continuou imóvel, olhando sem vêr o admirável panorama que se avistava das janelas do Paço da Ribeira, sonhando acordada com êsse príncipe, herói de balada e de lenda, que lá de longe, do reino das brumas, lhe estendia a sua mão de espôso, e que ela, desde já, no íntimo do seu coração, se sentia pronta a amar com tôda a ternura, dedicação e humildade da mulher portuguesa.

* * *

Era a hora em que o Sol, depois de haver dominado o firmamento como senhor absoluto pelo resplendor ofuscante da sua esfera doirada, declinava docemente, no horizonte, numa agonia lenta e serena, tal como um velho monarca despedindo-se da vida, após um longo e glorioso reinado.

Já, no céu, a safira esmaecia em turqueza, e esta mesma se achava prestes a diluír-se em opala. Já o oceano perdera o seu explêndido matiz cerúleo. Já as ondas não chispavam diamantinos revérberos. As nuvens começavam a tingir-se de reflexos de coral e lilaz pálido e a lua surgiu, recortando o seu crescente de prata no azul desmaiado do céu. Tôda a imensa superfície líquida do mar, onde a espuma se estendia em serpentes pardacentas, se coloriu dum tom glauco, sombrio.

O ocaso, êsse momento de beleza, que encerra em si tanta volúpia e tanta tristeza condensadas, ia desenrolar a magia dos seus oiros e das suas púpuras.

De pé, imóvel, junto à prôa do navio almirante, a infanta D. Catarina de Bragança olhava fixamente o sol que se afundava no poente como um gigantesco rubi prestes a caír numa taça de esmeralda.

A sua alma estava triste, é certo. Lá longe, na costa portuguesa, cuja linha azulada se tornava, de instante a instante, cada vez mais vaga, deixava ela uma mãe adorada, uns irmãos muito queridos, tôdas as recordações, enfim, duma adolescência venturosa. Mas, em segrêdo, baixinho, muito baixinho, (não o fôssem perceber as severas damas de honor que a rodeavam, lacrimosas) o seu coração cantava um hino de alegria. De instante a instante, também se tornava cada vez menor a distância que a separava do longínquo país das brumas, onde reinava o príncipe, seu noivo.

— Charles!... Charles!... — repetia ela, constantemente, como uma criança deliguenciando não esquecer a palavra que, em inglês, correspondia ao nome de Carlos.

O olhar da infanta velou-se duma névoa de ternura e durante longo tempo permaneceu enlevada na contemplação da miniatura, cópia dum retrato do rei, que o conde de Sandwich lhe entregara, em nome do seu soberano.

Como êle devia ser majestoso, o seu noivo!... Majestoso e encantador! Ninguém diria que era um inglês! Moreno, de pupilas sombrias e cabelos escuros como um filho de Portugal!

Um maravilhoso raio de amor fuzilou nos incomparáveis diamantes negros que eram os olhos de Catarina de Bragança, e um sorriso de felicidade aflorou aos seus lábios.

Ela amava-o, amava-o já, com todo o sentimentalismo da sua alma de portuguesa, mesmo sem o conhecer, simplesmente porque lho tinham descrito como um príncipe bravo, generoso e cavalheiresco, semelhante a êsses paladinos cujos feitos os poetas de outro tempo celebraram nos seus versos...

Um doloroso receio acudiu ao espírito da infanta.

— E se eu não lhe agrado? — murmurava consigo, muito pálida, torcendo as mãos num desespêro — Se eu não corresponder, de modo algum, à visão da mulher ideal que êle sonhou para sua dama?

Mas, em breve, a bela confiança da juventude e as ilusões próprias dos vinte anos correram a dissipar essa nuvem.

— Havia de amá-lo tanto! — exclamava, de si para si, com as faces animadas dum casto rubor — rodeá-lo-ia de tanta afeição e ternura que êle acabaria inevitàvelmente, por amar-me!...

A fim de pôr em debandada êsses tristes pensamentos, Catarina de Bragança desdobrou a carta, já muitas vezes lida, e releu, embevecida mais uma vez, as frases graciosas com que Carlos II salpicara a missiva que lhe escrevera.

Ao longe, via-se o Sol prestes a tocar as águas no beijo de fogo do seu derradeiro adeus. O mar parecia todo semeado de pétalas de rosa...

A' luz irisada e vacilante do ocaso, a princesa continuava relendo a mensagem do noivo...

Pobre infantazinha de alma romanesca e coração inocente que, em lugar de pensar, ensoberbecida, no tríplice diadema real constituido pelas coroas reünidas da Inglaterra, Escócia e Irlanda, que ia cingir, sonhava com as palavras de amor duma carta...

O astro rei desaparecera. Os veus diáfanos da noite principiavam a cair ràpidamente. Já se não distinguia a costa de Portugal.

* * *

Foi para o palácio campestre de Hampton-court que, após a celebração do enlace em Portsmouth, Carlos II se retirou com a sua esposa, a jovem rainha D. Catarina de Bragança.

Hampton-court, com as suas muralhas de tejolo, janelas gradeadas, mil torrinhas, sinetas bizarras, pátios sombrios e fontes interiores semelhantes às de Alhambra, pareceu a Carlos Stuart a mansão ideal para ir passar os primeiros meses de noivado junto dessa gentil infantazinha trigueira, de grandes olhos negros, orientais, que dir-se-ia trazer consigo o perfume das rosas vermelhas dos jardins do Sul e um reflexo do ardente sol meridional.

E, durante dias e dias, absorvido pela invencível atracção que sôbre os seus sentidos e imaginação exercia aquele tipo de mulher que se lhe afigurava raro e novo, o sensual monarca esqueceu completamente os perversos e voluptuosos encantos de Lady Bárbara Palmer e a loira e esplêndida beleza de Lucy Walter, para se dedicar exclusivamente à sua rainhazinha.

Tinha conhecido muitos géneros de beleza feminina: francesas, de grandes olhos verdes e tranças doiradas, repletas duma graça maliciosa e picante; flamengas, de carnes opulentas, brancas e rosadas como ninfas de Rubens; escocesas, de pupilas cinzentas, frias como o aço e madeixas ruivas; inglesas de íris côr do céu e tranças loiras, cândidas e espirituais como as virgens de Fra Angélico.

Mas, o tipo do seu ideal fôra sempre a mulher trigueira do Sul que apenas conhecia através dos quadros dos mestres espanhois. Ia agora possuí-lo — pensava — naquela princesa morena que parecia, com o seu vestido de veludo prêto, guarnecido de rendas, o seu vertugadim enorme e o seu penteado de crêspos, ter descido dum quadro de Velásquez. Era tôda a Espanha, tôda a Andaluzia dos cravos vermelhos, dos pátios floridos, das fontes sussurrantes, do firmamento límpido e do sol abrazador que ia possuir, estreitando nos braços aquêle pequenino corpo, deliciosamente modelado, de virgem.

Embora sem possuir uma beleza correcta, a rainha era sedutora. Carlos idealizava mundos de ventura contemplando-lhe os seus formosos olhos negros, aveludados e tristes como os duma gazela de Uagra, os seus bastos cabelos pretos, a pele doirada de meridional, os seus lindos braços e o seio de escultura! Que graça, simples, ingénua e casta! Que delicioso pudor! Que enleio adorável, que atitudes de passarinho assustado nas horas de intimidade!

No próprio dia marcado para o enlace, escrevera o rei a seguinte carta ao chanceler Eduardo Hyde, seu íntimo amigo e parente, descrevendo-lhe a sua impressão sôbre a princesa de Portugal:

As suas feições não são bastante regulares para que se possa chamar-lhe uma beleza, mas os seus olhos são muito lindos e não há nada, por pouco que seja, no seu rosto, que me desagrade. Pelo contrário, nunca vi fisionomia mais agradável e, se alguma habilidade tenho, como penso que sim, para ajuizar o caracter das pessoas pelo estudo do conjunto dos traços, devo dizer-lhe que nunca encontrei uma mulher dotada de tão belos sentimentos. A sua conversação, tanto quanto posso perceber, é muito atraente, pois não lhe falta espírito e, sobretudo tem uma voz dum timbre delicioso. Vai ficar admirado quando vir como já nos entendemos perfeitamente. Numa palavra, sinto-me muito feliz com ela.

CARLOS REI.

* * *

Dois dias depois do enlace, numa carta à duquesa de Orleans, sua irmã, Carlos II afirmava de novo:

Sinto-me completamente feliz com a rainha.

E, beijando aquelas maravilhosas pupilas de veludo líquido, aquelas perfumadas tranças côr da noite, aquela bôca rescendente de mocidade, ouvindo as palavras de amor que ela lhe dirigia em espanhol, entre meigos afagos, Carlos Stuart conhecendo pouco o seu próprio coração, (como observa Lingard) persuadiu-se de que amava Catarina como nunca amara nem Bárbara Palmer, nem Lucy Walter, nem essas outras mulheres em cujos braços, em noites de orgia, delirara de volúpia.

"Dentro em pouco — dizia êle aos seus amigos mais íntimos — oferecerei à côrte um exemplo de amor e fidelidade conjugal.

"De resto, ao lado duma mulher como a rainha, seria o mais indigno dos homens se não fôsse um bom marido."

A nostalgia da Pátria e as saudades da família ainda, por vezes, faziam deslizar as lágrimas pela face da rainha, porém, a noção da felicidade presente e a doce certeza de se sentir amada, suavizavam essa ferida de alma. A recordação dos seus deveres para com a sua Pátria, a sua Família e a sua Religião tinha-a sempre no seu espírito, mas, realmente, como poderia ela lamentar os afagos maternos e o monótono e desinteressante do passado decorrido no soturno Paço da Ribeira, quando vivia uma existência de idílio, junto dum marido que era um verdadeiro amante, no meio dos esplendores de Hampton-court?

Os bailes, os saraus, os passeios e as caçadas, organizadas por Carlos II em honra da sua jovem espôsa, sucediam-se ininterruptamente. Contudo, as horas mais felizes da rainha eram aquelas em que, sòzinha, livre do constrangimento da etiqueta, percorria, amorosamente pendurada no braço do marido, os paradisíacos jardins de Hampton-court.

Que lhe importava a ela que — como afirmavam as sombrias damas de honor portuguesas — o sol de Sua Majestade Britânica fôsse mais pálido que a lua de El-rei de Portugal, se para ela o sol era o seu muito amado Carlos? Que lhe importava que elas teimassem que as flores de Inglaterra não tinham perfume, se o seu adorado marido lhe perfumava a existência de ventura, e, de hora a hora, lhe tecia grinaldas de requintados madrigais? Que lhe importava que elas dissessem que o céu da Albion era pardo e não azul, se ela vivia em pleno azul, num perfeito céu aberto?

Pobre princesa! Tinha pouco mais de vinte anos, e nessa idade a vida resume-se no amor. Catarina amava, enebriava-se com o seu amor, delirava de felicidade julgando que êsse sonho maravilhoso se prolongaria até à morte...

Sonhos, ilusões — flores de alma que a realidade viria derrubar ainda em flor...

Decorreram seis semanas, durante as quais a raínha viveu

naquêle engano de alma lêdo e cego
que a fortuna não deixa durar muito.

Bárbara Palmer, condessa de Castlemaine, por Sir Peter Lely

O mais cruel dos desapontamentos esperava a infeliz amorosa...

Se, antes de partir para Inglaterrra, lhe tivessem desvanecido as suas ilusões àcêrca de Carlos Stuart, o golpe teria sido bem menos cruel. Mas não o puderam, ou não o quizeram fazer. Deviam ter-lhe dito que para os homens como Carlos II, um libertino sem religião, sem escrúpulos, sem pundonor de espécie alguma, só existia o deboche e a orgia, e que nunca seria um lírio de espiritualidade como ela, a dama da volúpia que o sangue ardente e o temperamento sensual do monarca reclamavam.

Deviam ter-lhe feito vêr que ela não poderia ser na vida do rei, senão uma açucena de imaculada alvura de que êle respiraria encantado o aroma, mas que, decorridas algumas semanas, deixaria caír indiferentemente para correr — qual borboleta inconstante — em busca de outras flores de mais capitoso perfume. Deviam tê-la prevenido de que Carlos II jàmais veria nela a espôsa, no sentido rigoroso da palavra, mas uma amante de ocasião, e que, extinto o desejo, da labareda dêsse amor, só restariam cinzas. Deviam ter-lhe explicado ainda que nenhuma mulher deve conceber ilusões àcêrca da fidelidade do marido; que, mais tarde, ou mais cedo, a traição chega infelizmente, pondo fim aos lindos sonhos de amor; que é preciso "aceitar os maridos como êles são e não como se desejaria que êles fossem"; que êsse era o destino de tôdas as mulheres ao qual nem a própria raínha, sua mãe pudera fugir, e sobretudo os das princesas, as quais mais infelizes, nêsse ponto, do que as suas subditas, nem sequer possuem o direito de se queixarem ou sequer patentearem a dôr que lhes alanceia a alma.

*

* *

A raínha D. Catarina de Bragança reclinada na sua poltrona, em cujo espaldar as armas de Inglaterra se uniam às de Portugal, sob a régia corôa, sorria escutando a animada conversa que se travava em espanhol entre as suas damas de honor portuguesas e inglesas, mas era fácil de perceber que o seu pensamento estava muito longe dali.

De tempos a tempos, relanceava o olhar para a entrada da sala, como se esperasse alguêm... alguêm que prometera vir animar a recepção e se demorava.

Era o rei que ela esperava. Era pelo seu bem-amado Carlos que, em segredo, o coração da raínha suspirava...

Longe dêle sentia-se sòzinha, triste, isolada. Até o ambiente em redor lhe parecia sombrio e, contudo, constituia um magnífico e imponente conjunto.

Tôda a côrte, isto é, todos êsses brilhantes gentis-homens, vestidos com o maior requinte de elegância, que o pincel de Lely fixou para a posteridade, se achavam reünidos nos aposentos da raínha, nesses salões onde havia telas pintadas por grandes mestres, retratos assinados por Van Dyck, tapeçarias executadas pelos desenhos de Rafael, bronzes e mármores criados pelos mais famosos artistas da Renascença e móveis duma opulência verdadeiramente real.

Mas faltava-lhe o seu bem-amado, o seu Carlos, o seu rei...

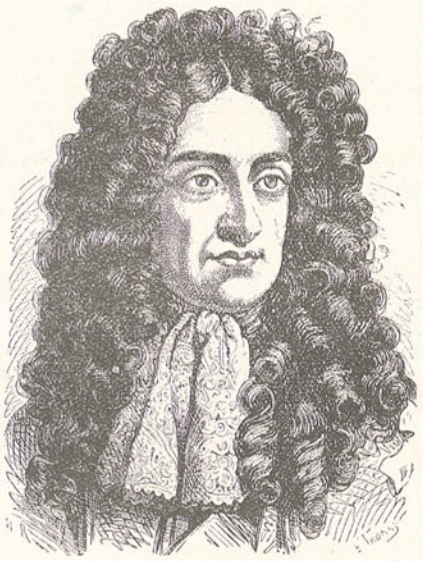
O coração da raínha Catarina estava triste...

Ouviu-se, na galeria, a voz sempre animada de Carlos II.

Imediatamente, o semblante de Catarina de Bragança se desanuviou, por completo, e um clarão de alegria lhe fuzilou nos seus lindos olhos negros.

Pobre raínha...

Carlos II deu entrada na sala, entre as alas dos cortezãos, curvados numa profunda reverência, trazendo pela mão uma jovem formosíssima que a tôdas as damas presentes eclipsava pelo esplendor do seu trajo recamado de pedrarias e pela sua maravilhosa beleza. Dirigiu-se à esposa e, após uma graciosa vénia,



Carlos II, da Inglaterra

disse-lhe em espanhol, com voz ligeiramente balbuciante:

— Permita-me Vossa Majestade que lhe apresente a sua primeira dama de câmara, Lady Bárbara Palmer, condessa de Castlemaine.

Todos os gentis-homens e senhoras presentes estremeceram de indignação e de revolta ao presencearem esta cêna.

Como?! O rei, seis semanas apenas depois do casamento, quando tão apaixonado se mostrava pela sua jovem espôsa, reatava relações com a antiga amante, e, o que era ainda mais ignóbil, ousava colocar essa indigna criatura junto da raínha!?

Ignoravam os compromissos solenes que o monarca tomara com Lady Bárbara. A orgulhosa favorita que, pouco antes, dera um filho a Carlos II, só consentira que o seu régio amante tomasse uma legítima mulher, mediante a promessa de que seria nomeada primeira dama de honor da soberana, e, após dois meses de ausência, regressára à côrte, e exigira do fraco e leviano príncipe o cumprimento da sua palavra.

Catarina de Bragança havia sido informada pelo embaixador de Portugal, àcêrca da fantasia que, em solteiro, seu marido tivera por uma mulher de nome Bárbara Palmer, mas, como ainda lhe era custoso diferençar os apelidos ingleses, não reconheceu na nóvel apresentada a tão falada amásia, contra a qual a tinham precavido. Foi, pois, com um sorriso encantador e o mais afável dos modos que a raínha, completamente alheia à afronta, acolheu a amante do marido...

Num gesto tão simples, quão eminentemente gracioso, estendeu-lhe a mão para beijar, murmurando, ao mesmo tempo, algumas palavras de acolhimento.

Lady Bárbara curvou-se, vermelha de cólera por se ver obrigada a render homenagem à legítima esposa do seu amante, e osculou, desdenhosamente, a mão da raínha.

A singular atitude dessa mulher e a expressão de pasmo e de revolta que se reflectia em todos os semblantes despertou suspeitas a Catarina de Bragança. Voltou-se para uma das aias portuguesas e, em voz trémula, servindo-se do idioma pátrio, preguntou o que significava tudo aquilo.

A dama devia ter preferido ocultar a verdade, mas, ferida na alma, pelo muito que amava a sua soberana, ante aquêle insulto público, revelou-lhe tôda a extensão da afronta.

A raínha não pôde dissimular a sua comoção: empalideceu horrivelmente e os seus olhos enevoaram-se-lhe de lágrimas. Quiz dominar-se, sorrir a-fim-de não dar à côrte o espectáculo da sua dôr, porém essa resolução ia-lhe custando a vida. A voz estrangulou-se-lhe na garganta, a luz fugiu-lhe dos olhos e o sangue afluíu-lhe ao cérebro. Esteve iminente uma congestão. Deligenciou ainda, à custa dum esfôrço sobre-humano voltar a falar, mas o sangue, saltando-lhe das narinas em borbotões, espadanou no chão. Não podendo mais, caiu lavada em lágrimas, com um violentíssimo ataque de nervos, nos braços das suas damas.

Apenas seis semanas de amor!... Infeliz rainhasinha!...

Como as índoles variam!

Um século mais tarde, quando o tzar Pedro III da Rússia dirigiu insulto idêntico a sua espôsa Catarina, esta não se deixou empolgar tanto pela dôr. Reagiu tão terrivelmente que mandou assassinar o marido infame!

*

* *

Catarina de Bragança não teve a crueldade de Catarina da Rússia.

A felicidade da sua vida como espôsa estava terminada para ela. Tinha que resignar-se, a ser o que tantas raínhas antes dela haviam sido — uma figura decorativa, escrava da razão do Estado, ocultando sob os veludos e arminhos reais um coração trespassado pela dôr!

EUNICE PAULA.

ALUGA-SE UM HOMEM

Os americanos são com certeza, com essa certeza que os factos provam à evidência, e sem contestação possível, o povo mais prático e mais comodista do globo terrestre, e é êsse amor à comodidade e ao conforto que o torna inventivo e engenhoso, sempre a parafusar na vida.

Quantas modalidades novas a Europa tem de lá importado!

Umas não se dão bem com a mentalidade a e sensibilidade dos latinos, especialmente, que sobrepõem sempre o coração ao cérebro, e estiolam-se e desaparecem por falta de cultivo.

Ou não fôssem de cá, destas terras onde o sol enche o espaço de poalhas de oiro, essas heroinas tão decantadas e cantadas, "Margarida Gauthier„ "Mimi Pinson„, "Mignon„, e ainda essa adorável "Mimi, Bluette„ de Guido de Verona — o impenitente romantico, forrado de volúpia, o adorador confesso da Mulher, fôsse ela uma triste rameira ou uma vestal, que com tão simpática franqueza compara o seu coração a um quarto de hospedaria.

Não posso falar em Guido de Verona, sem parar um pouco, tantas vezes a sua prosa atrevida, mas tão cheia de ternura, me enevoou os olhos de lágrimas.

Agora me estou lembrando daquela sua *Canzone della Mano incipriata*, que começa assim:

Ha veduto in sogno molti anni fa
una piccola mano incipriata.

Um lindo madrigal, em volta duma linda mão, "empoada como as flores da amendoeira, quando a floração vai acabar para dar lugar ao fruto„, mão que o segue, que se aproxima e se afasta, e que êle nunca viu bem como era, "porque essa mão era um sonho, e o mais belo sonho é nada„.

Talvez a mão duma mulher que o poeta amou um dia, como êle diz mais adiante:

Era la bianca ombra d'una memoria della mia [vita...

■

Mas vêm-nos por vezes da América do Norte ideas bizarras, e uma delas é a última novidade que se agrega à Exposição agora em Paris: o homem que se aluga, e tal moda teve dos americanos uma recepção entusiástica. O homem acompanhador de senhoras sós — "le cavalier-servant„, como dizem os franceses, mas com serviço pago à hora.

Em Nova York há já uma agência estabelecida com estatutos sérios e legais.

Senhora que queira divertir-se um pouco, frequentar *bars* e *dancings*, e que não tenha companhia, — solteironas em regra — dirige-se à agência indicada e aluga um cavalheiro. Nada mais fácil.

Passa-lhe para a mão o dinheiro para a despesa, porque é feio uma mulher pagar, quando tem um homem ao lado, e êles lá vão levados nas asas da distracção.

Mas não se pense mal disto. Ali não

há macho nem fémea, há apenas um homem que acompanha uma senhora que não gosta de andar só.

Se, uma vez ou outra, o amor quer entrar também de sociedade com êles, é isso considerado um caso fortuito que a tal organização nem quer suspeitar. Não foi essa a sua intenção.

O contracto assenta sôbre as bases mais decentes — o que se passar depois de extraordinário são coisas que acontecem...

Os jornais falam até de quem teve a idea desta nova agência de empregos — Ted Peckham.

E veio-lhe esta idea porque uma prima lhe pediu para a escoltar em Nova York uma certa ocasião.

Já veem como são práticos estes americanos, aproveitam tudo. E fazem êles muito bem.

E ao mesmo tempo veio dar que fazer a muito menino bonito e de família, desempregado.

Exilados, nobres sem fortuna, é ali que vão parar.

Porque só se aceitam homens com muita "linha„, e exigem-se habilitações especiais. Está claro que o homem deve poder conversar sôbre isto e sôbre aquilo, ser bom dançarino, e saber tratar uma mulher com delicadeza e discretas atenções.

É quási um curso novo. Mas êste curso, na sua parte mais importante, não se aprende nos liceus — é uma questão de instinto. Estou quási em dizer que para ser um bom acompanhador de senhoras desconhecidas é preciso ter vocação.

Que, afinal, a vocação é precisa para qualquer carreira ou mister.

Já lá diziam os "três ratas„, da *Gran-via*:

Para empezar la carrera,
hay que tener vocacion...

■

Pois é verdade — Paris vai abrir ou já abriu uma destas agências. Todos os elegantes sem vintem vão ter, pelo menos durante a Exposição, a paparoca certa e divertimentos gratis, e ainda recebem uma gratificação importante. É tudo a entrar.

E sabem quem põe em pé na cidade-luz o invento americano?

O elegantíssimo, "chic„ e "swell„ André de Fouquières,

As senhoras sozinhas que de todo o ponto do globo afluem nesta época a Paris podem estar certas de que hão de encontrar na tal *Agence des escortes* — Agência das escoltas — o homem preciso, o passeio ideal para tudo quanto na cidade do prazer — prazer que envolve espírito e cérebro — lhes pode dar a sensação mais forte e mais perdurável de beleza, e ainda por cima, "par dessus le marché„ podem apanhar um marido, assim sem querer...

A idéia, no fim de contas, é prática, oportuna e nem sequer pode ser classificada de imoral. Se uma dama pode dizer a um sapateiro: "faça-me um par de sapatos„, visto dêles carecer, pode dizer a um indivíduo que reúna as qualidades de cortezia, correcção e elegância: "acompanhe-me ao casino„.

O cavalheiro obedece com o devido respeito, pois para isso lhe pagam...

Não é por aqui — a nosso vêr — que o mal pode vir ao Mundo.

MERCEDES BLASCO.

COIMBRA DA RAINHA SANTA

O Mondego acima de Coimbra

No Portinho entramos na barca. Alcançada a outra margem, subimos à estrada, ao Almegue. Para a direita, em plaino, ficam a Quinta Agrícola e Bemcanta. Próximo, a pitoresca aldeia de S. Martinho.

Tomamos, à esquerda, para Santa Clara. Quintas, ínsuas, paúis, vimais, arvoredos...

Até que tôda a cidade se revela. Na colina oriental, a tôrre da Universidade, dominando o casario que se aperta à sua volta. Descaindo, a cúpula da Catedral; mais abaixo, a frontaria severa da antiga Sé.

A colina ocidental entrevê-se, pelo rasgão do vale de Santa Cruz, nos pendores de Montarroio.

E Coimbra alastra até ao Cais, para seduzir o rio, que se retarda, enamorado.

Atravessamos o Largo da Feira. E eis as ruinas da igreja de Santa-Clara-a-Velha!

Foi fundado o mosteiro, nos fins do século XIII, por D. Mor Dias, coadjuvando-a poderosamente a Rainha Santa Isabel. Esta mandou, mais tarde, erguer junto ao mosteiro uns Paços e um Hospício de que nem vestígios já restam.

Três rainhas foram sepultadas na igreja: a excelsa esposa de D. Deniz, D. Inês de Castro, a que depois de morta foi rainha, e D. Joana, a fantasmática rainha que esposou D. Afonso V — *reiña de Castilla, de Leon, de Toledo, de Galicia, de Sevilla, de Cordova, de Murcia*...

Á volta das primeiras se teceram lendas que, pode dizer-se, todo o mundo conhece.

Quis o Destino que em Santa Clara o amor de mãe e o amor de amante se sublimassem, um em doce misticismo, outro em apavorante tragédia. A uma, santificou-a a Igreja; à outra, Camões. E a ambas, primeiro, prestou culto o Povo, que tem o instinto da Beleza e da Graça.

Do mosteiro só restam as ruínas da igreja.

Os antigos mosteiros de S. Francisco, Sant'Ana e de S. Domingos, foram cobertos pelos assoriamentos. E a sumptuosa igreja está enterrada seis metros, desde o piso primitivo até ao extradorso da abóbada, que o bispo D. Afonso Castelo Branco, nos princípios do século XVII, mandou fazer, para a tornar menos acessível às inundações.

É um dos primeiros monumentos em que aparecem influências góticas.

"Repartida em três naves, cujas abóbadas, sobretudo, denotam formas novas, que se encaminham para essa elegante, engenhosa e subtil maneira que na Batalha tanta espiritualidade saberá dar à pedra... Estamos em presença duma das primeiras abóbadas de nervuras da Península. E em Portugal, se não é a primeira, é, pelo menos. com tais características, a maior realização daquela época... A disposição das suas naves parece ser única na península: a central alarga, na direcção do côro, ao passo que as laterais se estreitam, sucedendo o inverso na capela-mór. Tanto esta, como as colatrais, eram primores de arquitectura».

Na parte submersa encontrou, em 1872, Augusto Filipe Simões, que a visitou barquejando, formosos capitéis, admiráveis trechos de abóbadas e uma linda ogiva, comparável às mais elegantes da Batalha. No lôdo sumiram-se alguns túmulos...

O Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra tenta salvar de total perda Santa Clara-a-Velha.

Tomás da Fonseca, que faz parte dêsse Conselho, empenha-se numa verdadeira cruzada... Tem-se visto o ateu conferenciar, não só com presidentes e ministros da República, mas com cónegos e bispos!

E, se dependesse do Papa o resgate do templo, ver-se-ia, impetrando o Santo Padre, o autor dos *Sermões da Montanha*...

Intenta Tomás da Fonseca o que reis não conseguiram: pôr a igreja a enxuto. E, por o não conseguirem, é que D. João IV transferiu as freiras para o novo mosteiro, que mandou erguer no alto da Esperança. Já D. Manuel, o Venturoso, recuara perante as fúrias do Mondego!

O que é certo é que não vem ninguém a Coimbra, que o Tomás não lhe apareça — para o levar... às ruinas.

Quando a visitei a primeira vez, a igreja servia de curral ao sr. D. Miguel de Alarcão.

Duas juntas de bois estavam às mangedouras, escornejando os altares!

Entristeci.

Quando saimos daquela obscuridade de cripta a luz inundava a ínsua verde, e o rio resplandecia.

Mas a impressão dolorosa ferira fundo. Reflexões melancólicas venciam...

Quantos anos bastarão, para que à insua a cubra a areia?

E a cidade, senão em mil, em dez mil anos morrerá...

Se valeria a pena arrancar agora da sepultura aquela linda morta secular!

Em cinzas se envolve o homem e as suas obras...

Tudo o que nasce sôbre a terra tem de perecer, para que se cumpra a eterna renovação da vida.

E como é desvairante o espectáculo do infinito! No imenso torvelinho, o homem, para orientar-se, para tomar consciência, certeza do efémero instante da sua existência, precisou de um ponto fixo. E foi Deus...

Ainda que transitória referência! Os deuses também, aniquilam-se, pulverisam-se. Mesmo os seus nomes se apagam...

Incessantemente, porém, o orgulhoso ser humano os cria e renova, procurando fixar ponto que norteie, visão que alente! Osiris, Jeovah, Zeus, Brama, Buda, Cristo — e a Justiça e o Direito e a Verdade!

Desiludido dos cultos que passaram, Tomás da Fonseca procura ansiantemente a Beleza... Ai do Poeta! Ai do Filósofo! A Beleza é um reflexo do pensamento divino, tangível revelação da eterna Fôrça Espiritual, na qual os Deuses se geram, pela qual os cultos se renovam...

A ponte da Portagem

Ruínas do antigo convento de Santa Clara, começado a construir por D. Mor Dias e terminado pela Rainha Santa Isabel

Margens do Mondego

Arte e Ciência são anseios religiosos. E por elas, na idealidade humana imperecível, a Religião sobrevive a tôdas as religiões e Deus a todos os Deuses.

Vai esmorecendo o fervor dialético, ao passo que vamos trepando a ladeira que conduz ao mosteiro novo de Santa Clara.

Já o convento de S. Francisco, cuja construção começou em 1602, actualmente ocupado por uma fábrica de fiação e tecelagem, fica em baixo, à direita.

Valeu a pena subir...

Bastaria o panorama que se alcança do pátio do mosteiro de Santa Clara...

O rio, a cidade, os campos, os oiteiros, e, ao longe, as sombras das serranias; o verde-escuro das florestas, o verde-esmeralda dos prados, o verde-oiro das cearas, e as mil tonalidades do solo e da vegetação; a luz graduando-se, cromàticamente, pelo relêvo, marasmando-se, reverberando ou explodindo, nimbando ou tamisando-se, correndo em fio ou espraiando-se, ora derramando-se em cascata dos pendores, ora afogando-se, aflita, nas ravinas, quer acariciando as águas em perolantes brumas, quer emmolduranndo cumiadas em halos violáceos de síncope — tudo é inesquecível assombro de violência e de ternura.

Não impressiona só o olhar, toma todos os sentidos...

Em Coimbra, quantos e diversos aspectos de païsagem! Que prodigiosa alquimia de côres, que sortilégio de formas, de expressões! Ao menor trecho, a païsagem é estrofe, quadro, sinfonia. Os seus cambiantes não alteram a tessitura de sonho perene; as suas sugestões de beleza são uma veemente florescência telúrica; vêm de um fundo de alma subjugante e misterioso...

Que é dos Pintores do meu país estranho,
Onde estão êles que não vêm pintar?...

A igreja de Santa Clara é duma só nave, ampla e harmoniosa. Para fixar a grandeza e sumptuosidade do edifício, bastaria o claustro. Não é de primores o estilo em que o traçou o lente de matemática Fr. João Turriano, engenheiro-mor do reino; mas sente-se a imponência do conjunto. E lamenta-se que não acudam à sua danificação crescente. Demais, conservam-se na igreja obras de arte que atrairão sempre visitantes: túmulos góticos — o primitivo de Santa Isabel, o da sua neta D. Isabel e o de D. Maria, filha de D. Pedro I; alguns quadros e retábulos de valia, e a admirável estátua de Teixeira Lopes, que representa a Rainha Santa do milagre das rosas. O rico túmulo, de prata lavrada, que encerra o seu corpo, encontra-se na capela-mor.

Ao saír, tocamos com os pés numa corrente de ferro, soldada ao muro do pátio. Era um dos privilégios do mosteiro que todo aquele que, fugindo das justiças, a alcançasse, ficava sob a sua protecção.

A estrada segue, por Antanhol e Sernache, para Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha. Perto fica a capelinha de Nossa Senhora da Esperança.

Descida a ladeira, dirigimo-nos, pela estrada, à direita, para a quinta das Lágrimas.

É uma bela estância, cheia de delícias... Mas palacete, parques, jardins, pomares, são submersos em tragédia! A lenda de Inês de Castro enche-a dum encanto de fúnebre balada...

LOPES D'OLIVEIRA.

Santo António dos Olivais

AMAZONAS DE ONTEM E DE HOJE

Uma bela amazona doutros tempos

APESAR da febre automobilística que faz delirar a humanidade inteira, ainda há senhoras que se dedicam à equitação.

Poucas, é certo, mas ainda encontramos algumas, de longe em longe.

Isto nos faz aflorar aos lábios uma pregunta:

Daqui a cem anos ainda haverá amazonas sôbre a terra?

Atendendo ao extraordinário desenvolvimento da indústria de automóveis e ao crescente entusiásmo pela aviação, é de supôr que o belo sexo prefira, a ter um cavalo de pura raça, um automóvel de boa marca com meio cento de cavalos invisíveis a puxar.

Conversa amena em plena floresta

E, assim, a destreza que as damas patenteavam com tanto garbo e elegância ficará reservada às nossas aldeãs que continuarão a conservar o gerico como o mais prático de transporte para as feiras dos arredores.

O nobilíssimo cavalo será totalmente substituido pelo motor possante dum automóvel, tendo apenas, como prémio de consolação, o facto de ficar sendo designada a força do sucessor pela unidade cavalar, isto é, tantos cavalos de força...

Quando Neptuno pleiteou com Minerva a honra de dar o nome à capital da Grécia, o poderoso Júpiter que, volta e meia, se via apoquentado com estas divergências olímpicas, resolveu o caso, concedendo o direito solicitado àquêle que fizesse aparecer a maior utilidade sôbre a terra.

Vai daí, Neptuno batendo com o tridente no solo, fez surgir um cavalo. Minerva ripostou, fazendo brotar ali mesmo uma oliveira.

Como é de calcular, cada um dos litigantes defendeu acaloradamente o seu produto. Neptuno, num eloqüente discurso, em que havia rugidos do mar em noite de tempestade, fez ver ao júri que o cavalo era de absoluta necesssidade para o homem, acrescentando até ser-lhe indispensável.

Minerva discursou também, demonstrando que a oliveira, além dos preciosos frutos que produzia, era o símbolo da paz. Isto afirmado pela deusa da sabedoria, que estava armada até os dentes, dava a impressão de que já nessas eras fabulosas se se guia a trilha da Sociedade das Nações.

O júri recolheu, em dado momento, para deliberar, acabando por dar a preferência à oliveira, isto é, a Minerva.

Neptuno, afastou-se arreliadissimo, dando ao diabo a cardada, e resmungando contra o júri os piôres impropérios. Como deus dos mares que era, melhor tivesse trazido um cavalo marinho, que teria mais utilidade no lombo do juizes do que a que êstes encontraram no magnífico cavalo árabe que lhes apresentara.

Mas êste desaire não teve grande importância, visto o nome das cidades ser tão fácil de mudar como os das ruas, como ainda hoje sucede.

O cavalo conquistava, a breve trecho, grande prestígio. Um dêles, nos tempos de Calígula, chegou a ser cônsul e a comer em mangedoura de oiro macisso.

Quando dos combates travados entre os centauros e os lapitas, o cavalo teve sempre as honras da vitória.

Mas onde obteve maiores triunfos foi quando ofereceu o seu dorso às amazonas, através da Ásia, África e América.

Uma pin amazona de hoje

Diz, a tradição que as amazonas da Ásia comprimiam ou queimavam o seio direito, a-fim-de atirarem ao arco mais fàcilmente. Daí o nome: *a* – sem — e *mazos* — mama.

Uma interessante atitude

As mais célebres foram: Sfioma, que felicitou Jason pela sua emprêsa do velo de oiro; Menalipa, que emprestou o seu cinto a Hércules; Hipólita, que invàdiu a Ática; Antíope, que foi vencida por Teseu: Pentesileia, que foi em socôrro de Troia, sendo morta por Aquiles.

Não devemos esquecer que as amazonas da Ásia, com a raínha Tomíris à frente, venceram Ciro, e que as da África subjugaram os Atlantes, até que o poder de Hércules as exterminou.

Mas, saíndo da fábula, encontraremos na história da Boémia, no século VIII, mulheres análogas às amazonas gregas. Organizadas militarmente sob o comando de Vlasta, essas mulheres construiram fortalezas e, durante oito anos, semearam o terror nas terras Przémyslas.

Em pleno século XVI, Orellana diz ter encontrado, nas margens do rio Mazarañon, amazonas americanas, com as quais teve de bater-se, originando-se dêste facto o nome de *rio das Amazonas*.

Em Dahomey existiam amazonas destemidas até que a França conquistou êsse país bravio.

Durante a campanha da Catalunha, o segundo marquês de Minas andou sempre acompanhado por uma formosa amazona, vestida de homem, que morreu em Almanza, em 1707.

Hoje em dia, as amazonas não são tão aguerridas e até estilizam o seu trajo.

Ainda nos lembramos de as ver com o seu vestido de saia comprida e casaquinha justa, abotoada na frente, chapéu alto de seda, com a fita larga caíndo sôbre as costas.

Onde isso vai já!

Agora o trajo de amazona pouco ou nada difere do usado pelo cavaleiro. A amazona de hoje monta masculamente *à califourchon*, dando-nos a impressão triste de que a civilização apenas serve para estragar o que ainda tinha alguma poesia.

As amazonas rareiam tanto, que tendem a desaparecer — e ainda bem.

Ficará a recordação, que já é alguma coisa.

Se repararmos bem, poucas senhoras praticam actualmente a equitação, podendo até dizer-se que se algumas ainda se dedicam a êste elegantíssimo desporto é porque cada uma delas pretenderá ser a última "abencerragem" da cavalaria. E, francamente, temos saüdades das belas amazonas doutros tempos!

Uns momentos de repouso

Devemos salientar, no entanto, que nos referimos às que ainda conhecemos, muito elegantes, muito ágeis, sem deixarem, contudo, de ser muito femininas. E' claro que não nos agradaria nada depararmos, em pleno bosque, com uma Hipólita de seio mutilado que, com uma ferocidade de hiena, nos atravessasse, de lado a lado, com uma das suas flechas venenosas.

Agradar-nos-ia muito mais uma dessas dóceis amazonas que ainda conhecemos.

Noivos de há meio século

Não virá longe o dia em que o trajo de noivado seja banido por inútil e dispendioso, passando os casamentos a efectuar-se em trajo de passeio, e sem o espalhafato que os cronistas mundanos costumam dar-lhes com o fecho obrigatório duma imaginária corbelha cheia de ricas e valiosas prendas, embora os noivos não tenham recebido nem um modesto limpa-unhas de vinte e cinco tostões. A simbólica flor de laranjeira será posta de parte como usança caduca e até impertinente.

Noiva ultra-moderna que vem recordar séculos idos

Assim terá de ser — pressentimo-lo — e não levará muito tempo que a perigosa cerimónia se realize à paisana.

Por isso, os grandes costureiros que ditam a moda ao mundo inteiro, prevendo o perigo, tratam de dar originalidade ao que sempre se nos afigurou banal. Mas, como "nada de novo existe debaixo do sol", uma das mais originais criações surgida agora, é decalcada nos trajos da Idade Média, sendo até o mobiliário da sala em que o modêlo é apresentado uma cópia do usado nessas eras remotas!

Isto de casar, hoje em dia, está cada vez mais difícil, visto ser facílimo o descasar.

Os antigos árabes — e tinham mais amplas garantias do que as que auferimos nos tempos actuais — aconselhavam os seus filhos com êste provérbio: "se fôres à guerra, reza uma oração; se embarcares, reza duas; se casares, reza três.

E tinham razão, no fim de contas.

Não sômos contra o casamento, antes o julgamos indispensável para a paz e harmonia social. Desejaríamos, no entanto que qualquer dos nubentes, embora sem temor da prevenção árabe, seguisse o salutar conselho daquêle velho rifão português que nos diz: "antes que cases, olha o que fazes".

Haveria mais harmonia. E, se não é possível alcançar nêste mundo a perfeita felicidade, poderia conseguir-se um pouco de bem-estar e de confôrto espiritual.

Valeria mais a pena que os noivos, em vez de se preocuparem com o trajo que hão-de levar no acto solene do casamento, se dedicassem um pouco mais a preparar o enxoval da sua alma, a-fim-de se revestirem convenientemente para tôdas as contingências da nova vida que escolheram.

O estribilho do "ver-te e amar-te foi obra dum momento" já não pega nos tempos de hoje, visto que o encanto se desvanece no fim da primeira semana de tálamo conjugal. Se algumas excepções encontramos ainda, é porque êsses que apresentam, têm sempre acima das tais paixões abrasadoras, o mais salutar critério e a mais segura ponderação.

Já as nossas avós diziam que "a mulher é que faz o homem", e, nessa definição salientavam elas que a mulher deve amoldar-se ao génio do marido, visto que, ao cabo de pouco tempo, terá conseguido o seu fim. Não há fera que resista, podem crêr, pois lá diz o ditado que "o que a mulher quere, Deus quere".

Para isso, é indispensável o tal enxoval do espírito que póde garantir com mais segurança a felicidade, do que a

USOS E COSTUMES

A "toilette,, dos noivos

Prevê-se o fim da flor de laranjeira

simbólica flor de laranjeira a pureza imaculada.

E — agora aqui para nós — de que servirão todos êsses veus diafános que, após a cerimónia, nem para rodilhas de cosinha podem servir?

Querem manter a tradição? Seja assim, embora nada tenha de prático ou proveitoso, a não ser para a loja de modas que forneceu as alfaias.

Já repararam num casamento espaventoso? Pois tem muito que vêr. Por mais que pretendam dar-lhe solenidade e grandeza, surgirá sempre a nota cómica, quer pelo acanhamento do noivo, quer pela desenvoltura da noiva que, à voz de casada, se pendura no braço do marido com tal ânsia que parece ter receio de que êle lhe fuja.

Isto nos casamentos finos. É claro que não reproduziremos aqui os comentários cortantes como navalhas (e alguns com espírito) dos curiosos que sempre aparecem a disfrutar o acontecimento.

E então os casamentos mais modestos? Vale a pena perder um bocadinho a observá-los.

Estamos numa repartição do Registo Civil, onde o cenário não tem o colorido que seria para desejar. Já repararam, por

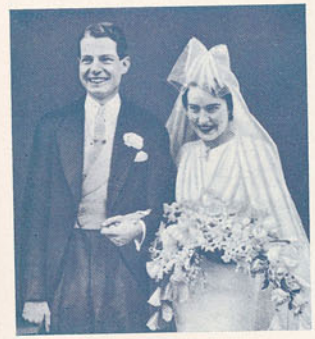
Um casamento elegante

certo, que nessa sala de paredes nuas existe uma severidade que apavora. Nem um quadro representando um Cupidinho brincalhão, nem uma jarra com flores, nada enfim que predisponha agradavelmente quem ali entra. Tudo ali é sombrio e tristonho como um túmulo, e, no entanto, é ali que os corações que se amam vão legalizar a sua ventura. O Sol parece nunca ter entrado ali, com receio — quem sabe? — de perder a sua liberdade de solteiro.

Lembra-nos, a propósito, o que, há meses, observamos:

Lá fóra, um grupo cavaqueava animadamente. Mais um casamento prestes a realizar-se. O noivo, tipo de caixeiro de mercearia, todo esticadinho num fato côr de pinhão — tentava meter na órdem a gravata de seda lilaz que, naturalmente, por falta de hábito, se escapava do colarinho de zephir às risquinhas azuis. A noiva, essa então vinha a rigor: vestido de cassa um pouco enfolado nos sovacos, meias côr de açafrão, sapatos de verniz com três prezilhas, e, à falta do véu sacramental, uma mantilha de renda branca que mais fazia realçar a sua tez morena e tentadora. Os pais da noiva, ainda muito bem conservados, dirigiam-se ao compadre Silva da Tenda que prometera o vinho para a boda.

— E então uma pinga de estalo! — afirmava o Silva, valorizando antecipadamente o valor da oferta — calculem que vou abrir de propósito o casco... E faço-o com muito prazer... A gente, à ida, passa lá pela loja. Em cima disto, uns copos devem assentar bem... E vale a pena, que aquilo é um vinhão!



Um par feliz

Nisto, chegou o sr. conservador, soléne no seu fato preto, embora com as calças por vincar. Entraram todos. O noivo, ignorando as convenções, deu antecipadamente o braço à sua futura consorte e entrou sorridente e triunfante na sala das cerimónias, onde o conservador aguardava com o registo feito de antemão, segundo as indicações recebidas. Em dado momento, notou-se a falta de uma testemunha que comprovasse a identidade do noivo. A ninguém ocorrera que tal coisa fôsse necessária. Para vir dizer ali que o rapaz era caixeiro na mercearia do Gonçalves? Olha a novidade! Pois se toda a gente o conhecia naquelas redondezas, para que estava o sr. conservador com aquelas exquisitices? Não conhecia êle outra coisa!...

O conservador é que não se dava por convencido. Era da lei. Arranjassem uma testemunha — e depressa — pois havia mais noivos à espera de vez.

Entreolharam-se todos numa ansiedade atroz.

Então, a mãe da noiva — verdadeira mulher de armas — decidiu remediar o caso. E, com a desenvoltura que a gerência do seu lugar de hortaliça lhe concedera, dirigiu-se à porta da rua, e aguardou o primeiro transeünte. Pronto! Passava um marujo.

— Ó sr. marinheiro, faz-me um favor?

— Se fôr coisa que eu possa...

— É dar uma mãosinha no casamento da minha filha. Falta uma testemunha. É só *prantar* o nome... cinco minutos, se tanto... Depois, vamos beber todos uma pinga ali ao Silva da Tenda que abre um casco novo.

— Está bem — acedeu o marujo, ajeitando o alcache e compondo a melena — se não fôr coisa para muita demora, posso fazer-lhe o que pede.

E assim se cumpriu a lei.

Terminado o acto e paga a despesa, o excêntrico cortejo deslizou sôbre o corredor envernizado pelo uso, que, ao sentir os passos dos caminhantes, gemia tão dolorídos queixumes que até metiam pena. O porteiro desfazia-se em mesuras, dando os parabens aos noivos, aos pais da noiva, ao Silva e ao marujo.

O noivo, empertigando-se, dizia para a sua cara metade:

— Agora já me conhece... já sabe quem eu sou, mesmo sem testemunhas.

E meteu dez tostões na mão do cumprimentador.

Vale a pena gosar com o casamento dos outros, quer sejam da alta, quer sejam da baixa, pois todos oferecem — como o nosso povo costuma dizer — um verdadeiro pratinho.

A fina elegância de hoje

E se os casamentos se efectuassem sem cenário nem paramentos?

Nós perderiamos um divertimento, mas os pobres noivos evitariam o ridículo.

Se as noivas preferem assim, para meterem inveja às outras raparigas, isso só denuncia pouca generosidade e até um egoísmo muito censurável. Porque, se repararem bem, nem só as beldades casam. Quantas e quantas que, nada devendo à beleza, encontram noivo, ao passo que outras, sendo autênticas formosuras, ficam para tias.

Evocando o passado distante

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Casino Estoril

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no salão do Casino Estoril, na tarde de sábado de 25 de Setembro passado, uma festa de caridade, a favor da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril, à qual nos referimos no último número, recebemos com o pedido de publicação a nota de receita e despeza da mesma festa, aproveitando a comissão também para agradecer reconhecidíssima a todos que cooperaram nessa festa.

Receita 10.322$50; Despeza — 3 142$00. Líquido entregue à Casa de Trabalho de Santo António do Estoril: 7 180$50.

A mesma comissão informa que a «Casa de Banho da Boneca» que foi sorteada nessa festa, saiu ao número 463, que ainda não foi reclamada, e se encontra depositada na sede da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril.

Casamentos

Celebrou-se na paroqnial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Perpétua Ribeiro Pacheco Nobre, gentil filha da sr.ª D. Ana Perpétua Ribeiro Pacheco Nobre, e do sr. José Pacheco Nobre, com o sr Alberto da Costa Mano Teixeira, filho da sr.ª D. Gertrudes Mano Teixeira e do sr. José Teixeira, tendo servido de madrinhas a sr. D. Antónia Perpétua Ribeiro Pacheco Nobre, e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Manuel Pacheco Nobre e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de Santa Izabel, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Constança Navarro de Magalhães Domingues, interessante filha da sr.ª D. Josefina Neves Navarro e do tenente sr. António de Gusmão de Magalhães Domingues, com o sr. dr. António Nogueira, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Serra Nogueira e do sr. António Fernandes Nogueira, já falecido, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Rosa de Gusmão de Magalhães Domingues, avó parterna da noiva e D. Alice Teles Pereira Pimenta, e de padrinhos os srs. Francisco de Magalhães Domingues, avô paterno da noiva e Nuno Eduardo Pereira Pimenta.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos avós paternos da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para Sintra onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Adelaide Elvira Mendes de Sousa, gentil filha da sr.ª D. Virgínia Clara Mendes de Sousa e do sr. João António de Sousa, com o sr. dr. Salvador Vilarinho Pereira, filho da sr.ª D. Maria da Cunha Pereira de Mendoça e do sr. Salvador Vilarinho Pereira, já falecido, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Alice da Silva Ramos e de padrinhos os srs. João António Júnior e José Anjos da Fonseca.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o Luzo, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Cristóvão, celebrou-se com muita intimidade, o casamento da sr.ª D. Lídia de Lima Neves, interessante filha da sr.ª D. Maria José Lima Neves, já falecida, e do sr. Benjamim Neves, escrivão de direito, com o nosso querido amigo sr. Manuel Vaz Ferreira de Andrade, filho da sr.ª D. Izaura Adelaide Vaz de Oliveira Ferreira de Andrade e do sr. Manuel Lopes de Andrade, secretário particular do sr. General Daniel de Sousa, ilustre presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Alda de Magalhães Basto e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. dr. Artur de Oliveira Ramos e General Daniel de Sousa.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Sintra onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo Esteves, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr. D. Cristina do Carmo Paulitos, gentil filha da sr.ª D. Cristina dos Reis Paulitos e do sr. Luís Paulitos, com o sr. Mário dos Santos Feliz, filho da sr.ª D. Maria dos Anjos Santos e do sr. Augusto dos Santos, servindo de madrinhas a sr.ª D. Generosa Martins Frazão e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Manuel Murteira e o pai do noivo.

Apóz a cerimónia foi servido ns elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para as suas propriedades na província onde foram passar a lua de mel.

— Em Coruche, celebrou-se na igreja do Canco, o casamento da sr.ª D. Margarida Aleixo Falcão, interessante filha da sr.ª D. Custódia Maria Falcão e do sr. Joaquim Aleixo Falcão, já falecido, com o sr. José Nogueira de Sousa Leitão, filho da sr.ª D. Adelina de Sousa Leitão e do sr. António Nogueira Leitão, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Maria Felipa Falcão Belga e D. Maria Vitória Azevedo Leitão e de padrinhos os srs. Joaquim Aleixo Falcão e Gabriel Nogueira Leitão, presidindo ao acto o reverendo Acácio Mendes de Oliveira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocucão.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de Santa Izabel, celebrou-se o casamento da sr. D Aurora Eugénia Desiré Bonnard, gentil filha da sr.ª D Hermelinda da Glória Branco Bonnard, já falecida, e do sr. Armando Desiré Bonnard, com o sr. Ernani Pires Godinho, funcionário da Companhia Reünidas Gáz e Electricidade, filho da sr.ª D. Leonor Arnaud Cachola Godinho e do sr. Francisco Estevão Pires Godinho, servindo de madrinhas a sr.ª D. Maria do Céu Duarte de Vasconcelos e Horta e a mãi do noivo e de padrinhos os srs. dr. Ernani António Cidade, ilustre professor da Universidade de Lisboa e Artur Cezar de Vasconcelos e Horta.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Alentejo, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de S. Vicente, presidido pelo reverendo Esteves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Natália Sidónia Ferreira de Azevedo, interessante filha da sr.ª D. Cândida Ferreira de Azevedo e do sr. Gabriel Joaquim de Azevedo, com o sr. Decliciano de Jesus Gonzaga, filho da sr.ª D. Florência de Jesus e do sr. Luís Gonzaga, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Rosa Amélia Martins e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel Belo.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para a Costa do Sol onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria José Guitanas Leyes, espôsa do sr. Roderick Leyes, para seu filho Morris, a sr.ª D. Maria Manuela Dulce de Almeida, gentil filha da sr.ª D. Júlia de Almeida e do coronel sr. Artur José de Almeida, ilustre comandante do regimento de cavalaria 2, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

Nascimentos

A sr.ª D. Ermelinda de Ornelas Gomes Boavida, esposa do sr. António de Carvalho Boavida; agente técnico de estradas, no Distrito de Viana do Castelo, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho estão felizmente bem.

Batisados

Celebrou-se na paroquial da Encarnação, o baptisado da menina Maria Rafaela, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Ana Cabedo Garcia de Falcão Machado e do distinto professor de liceu sr. Dr. Fernando Falcão Machado servindo de madrinha a sr.ª D. Adelaide Augusta Marchante Tavares e de padrinho o sr. Joaquim Florentino Tavares, presidindo ao acto o reverendo cónego António Miranda de Magalhães.

D. Nuno.

Um aspecto da festa do «Coração de Filigrana» realizada no Casino do Estoril

NA DESPEDIDA DAS PRAIAS

Aspectos das festas à Senhora do Rosário na Costa de Caparica e que decorreram com grande interesse e numerosa concorrência, tanto mais que há oito anos não se realizavam

Aspectos da procissão que, acompanhada pela banda da Sociedade Sezimbrense, levou quási duas horas no trajecto, observando-se sempre o maior respeito por parte da multidão que assistiu à sua passagem. Os velhos lobos do mar faziam a guarda de honra ao andor da Senhora do Rosário

Na Praia de Santa Cruz: as três caras mais bonitas eleitas no Casino: as sr.as D. Lilita Lopes, D. Fernanda Nunes de Carvalho e D. Sara de Castro. Até o mar tão bravo naqueles, se torna meigo ante estas beldades

Na sua despedida à praia, as gentis banhistas querem aproveitar os raios do sol do último dia, e as derradeiras aragens tonificantes do Oceano. E até ao ano!... O mar compreende e aguarda pacientemente

Lili Damita em maré de sorte

DO CHIADO A

LILI DAMITA—A

TEM VERGONHA DOS TEMPOS EM

Não sabem a grande novidade?

A vedeta cinematográfica Lili Damita tem tanta vergonha de ter vivido na nossa terra — onde aliás só recebeu benefícios e atenções — que declarou, há dias, a um redactor da revista brasileira *Cinearte*, desconhecer Portugal, e não saber uma só palavra da língua portuguesa!

Como êste mundo é formado!

Já se deu o mesmo com certa damita que, tendo começado por ser criada de servir, conseguira matrimoniar-se com um rico solteirão que a elevou à categoria de senhora da alta. Quando lhe falavam em Louriçal da Serra, declarava desconhecer semelhante terra, não obstante ter-lhe sido berço... É que receava amesquinhar-se com a divulgação da humilde, mas honrada profissão do pai — um velho cavador que tanto suara para a criar — e da mísera situação da mãe — uma pobre de Cristo, que levava a vida a moirejar, à sobreposse, nos campos alheios...

Pois a gentil Lili Damita sente uma tão grande aversão pelo seu passado, que nos dá a impressão de conterrânea da tal sopeira de Louriçal da Serra.

Não é que uma tal atitude nos ofenda, visto a sua passagem por Lisboa haver sido tão trivial, que nem se deu por isso.

Chamava-se, nesse tempo, Liliane Carré, e, não sendo uma beleza de espantar, era uma rapariga engraçada como tantas outras.

Eis alguns dados biográficos:

Aos doze anos de idade, Liliane Carré matriculou-se na antiga Escola de Arte de Representar (actualmente Conservatório Nacional de Teatro) no ano lectivo de 1915-1916 como aluna do primeiro ano do curso especial de bailarinas.

A sua primeira audição escolar efectuou-se em 4 de Junho de 1916, podendo dizer-se que a pequena Liliane era uma espécie de "Maria vai com as outras..." Quinze dias depois, exibiu-se num serão realizado no Teatro República (hoje S. Luiz) a favor das vítimas da guerra. Subia à cena a "Pantomina das Flores", da autoria de Eduardo Schwalbach, Júlio Dantas, Augusto de Castro e Acácio de Paiva. Á Lilane coube um papel tão pequenino como ela — "Um botão de rosa".

No dia 6 de Julho fez exame de primeiro ano, obtendo 16 valores, conquistando, no ano seguinte, mais 2.

Durante êste período esteve contratada na companhia de ópera lírica do Coliseu dos Recreios, com outras alunas do Conservatório, como elemento do corpo de baile dirigido por D. Encarnação Rodrigues.

Já agora, salientaremos que ainda se matriculou no terceiro ano lectivo (1917-18),

O príncipe Luís Fernando, filho do ex-kronprinz da Alemanha

chegando a tomar parte nas audições escolares de 3 e 7 de Fevereiro de 1918. Mas, em Março, deixou de freqüentar as aulas, e perdeu o ano, por faltas.

Obcecava-a uma ideia: fugir para Paris, logo que lhe fôsse possível.

E fugiu... Pelo visto, fez carreira, com o que, aliás, muito nos regozijamos.

Mas para que seria necessária esta esquisitice da gentil vedeta?

É certo que o "Notícias Ilustrado", de 20 de Maio de 1934, fazia esta revelação indiscreta:

"Já hoje não oferece dúvidas a ninguém, tais os testemunhos publicados nos jornais, de que Lili Damita, a famosa estrêla do cinema, e Lili Carré, a antiga freqüentadora do nosso Conservatório e... de outros sítios bem pouco menos conservadores das virtudes femininas, — são uma e a mesma pessoa.

"Os freqüentadores do antigo Club dos Patos e do Palace da rua Eugénio dos Santos, recordam-se bem da sua deliciosa figurinha *fausse maigre*. E, melhor ainda, devem lembrar-se os felizes hóspedes da pensão que a mãe dela tinha na praça de Camões, isto é, aqueles que gozavam de mais intimidade na casa..."

O autor da crónica dava a impressão de ser também do Louriçal da Serra, e ter conhecido lá a enfatuada bailarina.

Mas a questão debate-se há muito tempo, e com tal interêsse que se não tratássemos de pôr os pontos nos i i, ainda poderia surgir para aí um problema insolúvel como o da verdadeira nacionalidade de Colombo.

É assim que se formam as lendas...

O mais curioso é que, há quatro anos, a revista espanhola "Estampa" publicava um artigo de Betty Price sôbre a misteriosa vedeta e a sua nacionalidade mais misteriosa ainda.

Liliane Carré, isto é, Lili Damita, havia regressado de Hollywood, munida dum

Lili Damita — a «vamp» actual

HOLLYWOOD

VEDETA DE HOJE

QUE SE CHAMAVA LILIANE CARRÉ

contrato vantajosíssimo e soprada por uma estrondosa publicidade.

— Onde teria nascido esta nova "celebridade"? — preguntava-se numa reünião de artistas e escritores.

" — Posso assegurar-lhes — afirmou, rotundamente um jornalista português — que Lili Damita nasceu em Portugal, embora de família francesa, e se chama Liliane Carré. Conheci-a em criança, educada num convento de Lisboa.

" — No entanto — declarou alguém — ela diz-se francesa, e natural de Paris...

" — Francesa de raça — assegurou o português — mas patrícia minha pelo nascimento. E a melhor prova é a de que fala perfeitamente o nosso idioma.

"Todavia — prossegue Betty Price — a encantadora estrêla fala com a mesma facilidade o francês, o inglês, o espanhol e o alemão. E nega terminante a versão que tantas vezes temos ouvido repetir. Segundo ela, nasceu em Paris, e sua mãe, receando que se dedicasse ao teatro, fez recolhê-la num convento de Lisboa. Depois permaneceu longas temporadas em Espanha, Grécia, Bélgica, até que eclodiu a Guerra Europeia.

"Qual das versões será a verdadeira? Ainda que o jornalista português nos mereça inteira confiança, é tão desagradável desmentir uma mulher encantadora, que preferimos deixar a outros mais conscienciosos historiadores o cuidado de investigar e decidir tão importante questão. Francesa ou portuguesa de nascimento, não existe a mais ligeira dúvida de que

O príncipe Jorge de Inglaterra guiado por Lili Damita através de Hollywood

a graça, a malícia e a elegância de Lili Damita são pura e genuinamente parisienses".

Outra pregunta ainda:

Como arranjaria Liliane Carré o seu pseudónimo?

Diz-se que, certa noite, em Paris, num espectáculo do *Folie Bergères*, a que assistia o rei Afonso XIII, a artista desempenhou-se tão bem do seu papel, que o soberano quis felicitá-la no seu camarote.

E, entre as muitas amabilidades que lhe dirigiu, saíu-se-lhe com esta:

— *Sois una damita muy gentil!*

A Liliane agradou tanto aquela designação de *damita* que, acrescentando-a ao deminuitivo corrente do seu nome, arranjou a sua alcunha pomposa. Pouco depois, era, assinando *Lili Damita*, que fixava o seu contrato cinematográfico em Berlim.

Não tardou que, aproveitando a aragem que a favorecia, fôsse desembarcar em Hollywood, onde conquistou uma certa celebridade, mais pela sua beleza do que pelo seu talento.

Lili Damita quando apenas se chamava Liliane Carré e freqüentava o Conservatório de Lisboa

Quando regressou à Europa, em viagem de recreio, era já uma "estrêla" em destaque. Em Berlim, organizaram festas em sua honra, sendo, nessa altura, apresentada ao príncipe Luiz Fernando, filho do ex-Kronprinz.

Entre o príncipe e a artista começou uma amizade que se transformava, dentro em pouco, num idílio. A Imprensa aludiu, várias vezes, ao provável matrimónio dos dois.

Lili Damita e sua mãe desmentiram êstes boatos, embora deixando transparecer que se o casamento não se efectuou, foi por terem rejeitado as aliás muito honrosas propostas do apaixonado príncipe. Não disseram, é claro, que à família imperial germânica não convinha uma tal aliança... e daí o malôgro da empresa.

Surge outro príncipe na vida de Lili Damita: um dos filhos do rei de Inglaterra.

Quando o príncipe Jorge fez uma digressão pela América do Norte, visitou a colónia cinematográfica. Não esteve com rodeios e telefonou à vedeta:

Lili Damita em Hollywood

— Desejo conhecer Hollywood, e só disponho desta noite. Quere servir-me de guia?

— Com muito prazer, Alteza! — respondeu Lili Damita — digne-se vir buscar-me dentro de meia hora.

Percorreram a cidade, visitaram alguns *sets*, entraram no Embassy, em Coconant Grave, no Chinese Theater, acabando por uma brilhantíssima recepção em casa da artista onde se encontravam reünidas tôdas as celebridades do cinema, convidadas com a maior urgência.

Uma festa de grande estadão em que a gentil vedeta, fazendo as apresentações ao príncipe, se julgou princesa também.

Mas, se Liliane Carré tivesse boa memória (ou quizesse tê-la) deveria lembrar-se de que nos tempos em que vegetou por Lisboa, existia uma senhora que, tendo sido varina, casara com um rico banqueiro, e que, no seu luxuoso guarda-vestidos, onde se acumulavam as mais luxuosas "toilettes", conservava em lugar de honra, como uma relíquia preciosa, o trajo dos tempos da sua humildade honesta.

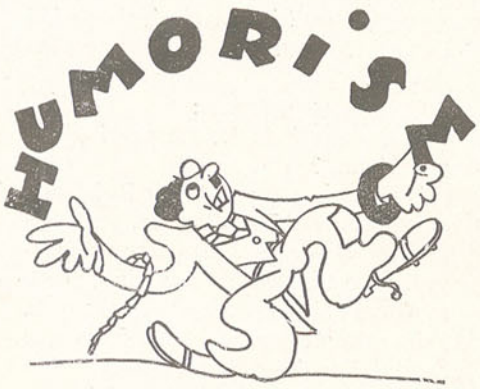
E sentia-se muito orgulhosa com isso.

Lili Damita não pensa assim — e faz mal. Neste mundo tudo se sabe...

A ambiciosa vedeta, habituada a uma luz fraca, sentiu-se de repente deslumbrada pelo fulgor dos arcos voltaicos de grande potência, e estonteou-se. Julgou-se um ser sobrenatural.

Compreende-se agora: içada a uma tal magnificência, Lili Damita não poderia suportar a recordação do seu passado de bailarina medíocre, como não se hospedaria hoje numa pensão idêntica à que sua mãe dirigiu, mais do que modestamente, na praça de Camões em Lisboa.

HUMORISMO



Um indivíduo arrendou uma casa a um amigo. Este sempre lhe pagou pontualmente, até há coisa de três meses, em que suspendeu pagamentos. Como íntimos amigos e o senhorio não querendo magoar o inquilino, inventou um processo de lhe apanhar o dinheiro. Para isso, fez-se encontrado com o devedor amigo e disse-lhe:

— Ouve lá: ontem à noite sonhei uma coisa curiosa... Sonhei que tinhas ido a minha casa e que, depois de conversarmos um bocado, puxaste da carteira e me pagaste os meses de renda que me deves!

— Ah, sim?... E tu acreditas em sonhos?

— Acredito, porque não?

— Nesse caso dá-me cá os recibos do que te paguei que eu também sou crente!

■

Um avarento está na agonia e tudo se experimenta para o salvar. Depois dos remedios modernos recorre-se aos remédios antigos. A esposa chegou a ir buscar sanguessugas e a aplicá-las ao doente.

— E então?... — pregunta o médico. — As sanguessugas deram resultado?

— Ai doutor! — lastimou-se a futura viúva. — As malditas não pegaram!

Então o avaro, exalando os últimos suspiros, aconselhou:

— Não as paguem ao farmacêutico!

■

— Comprei um cão de raça pura.

— De que raça?

— Um cão polícia e dos bons!

— Mostra-me o cão...

Viram o cão e diz o amigo para o dono:

— Isto não é um cão polícia, meu caro. Este não tem o pêlo comprido, a cabeça preta, as patas brancas...

— Digo-te que o cão é polícia!

— Não é tal!

— É sim homem — mas o que é, é da secreta!

■

A senhora, passada já de moda, dá os últimos retoques ante o espelho e filosofa para o marido:

— Que moda esta, tão implicativa, de andar com a cara descoberta! Ora se não era mais bonito um véu...

— Pois claro! — responde o marido. — No teu caso, seria correr um véu sôbre o passado...

■

Certo indivíduo, pessoa de bons sentimentos, fala sempre o melhor possível dum outro com quem teve um conflito pessoal. Um amigo previne-o:

— Homem, tu dizes sempre bem dêle e êle só diz mal de ti!

— Talvez estejamos ambos enganados! — disse melancòlicamente o outro.

■

O sábio Freire encontra a dona Edviges com os olhos rasos de água.

— O que lhe aconteceu, minha senhora?

— Imagine, senhor Freire!... a pobre da minha filha está muito mal... está com 39 graus.

— Á sombra? — preguntou distraidamente o sábio.

■

— Então fôste ao médico que eu te indiquei?

— Fui.

— Disseste-lhe que ias da minha parte?

— Foi a primeira coisa que eu fiz.

— E êle que te aconselhou?

— Que pagasse a consulta adiantadamente.

■

— Chiquinho, porque chegaste tarde ao colégio?

— Porque a campainha tocou antes de eu chegar!

■

Um comerciante abordou certo devedor com espírito mas sem vintem, e preguntou-lhe sêcamente:

— Oiça lá, amigo. Já se esqueceu de que me deve cinquenta mil réis?

— Não... — respondeu o outro. — Mas dê-me um pequeno prazo de tempo... e vai ver como acabo por me esquecer!...

■

O capataz, no fundo da escada:

— Ó rapazes!... Quantos estão aí no armazem?

— Três, sr. Silva.

— Então venha cá metade abaixo!...

■

Dona Gertrudes vai à praça decidida a regatear as compras.

— Quanto custam êstes ovos?

— Seis mil réis a duzia... mas sendo quebrados vendo a cinco mil réis.

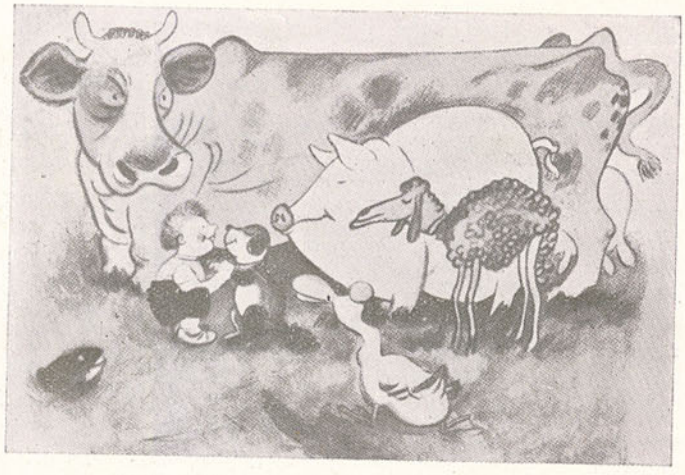
— Está bem... parta-me aí duzia e meia!...

■

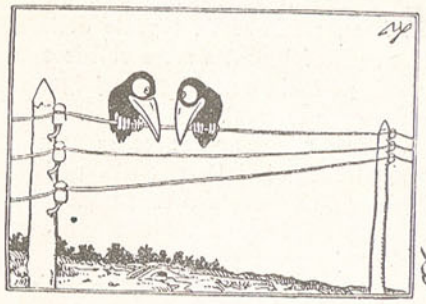
Ante um enorme e magnífico automóvel, um pobre diabo suspira:

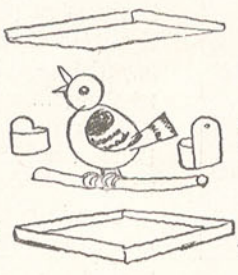
— Meu Deus!... Nunca me verei em cima duma coisa destas!...

— Pois consola-te que é muito provável que um dia te vejas debaixo duma *coisa dessas!*...



Como a vaquinha sonhava a tão falada Fraternidade Universal



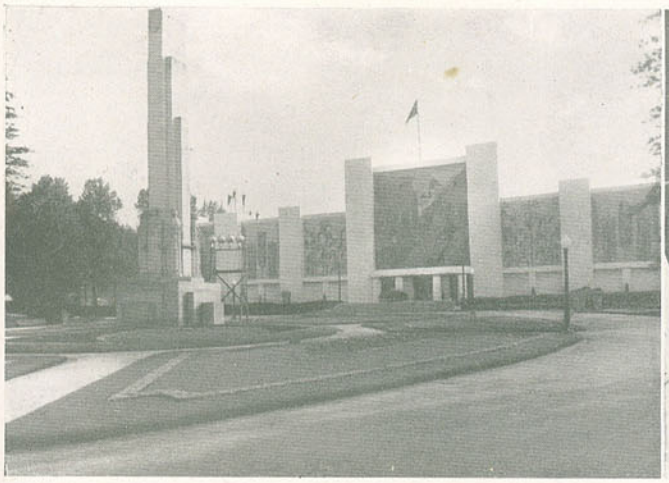


Entre meiros: *Com a T. S. F. vamos ficar sem fios...* *...em compensação, acabarão as ratoeiras...* *...e as gaiolas...* *...e até os cãesinhos serão livres*

ACTUALIDADES DA QUINZENA

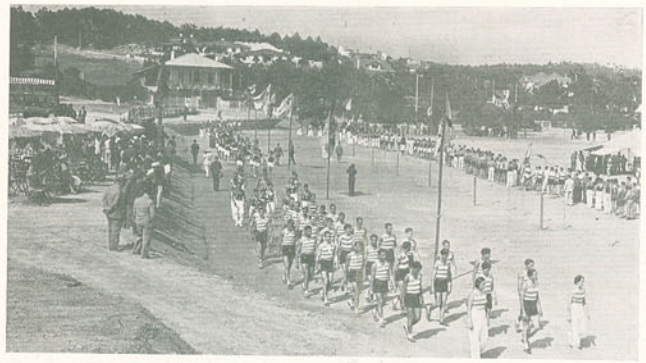
No Ateneu Comercial foi inaugurada solenemente pelo sr. Presidente da República a 1.ª Exposição Bibliográfica Comercial Portuguesa. Ao retirar-se, o Chefe do Estado felicitou os corpos gerentes pelo êxito que representava um tal certame, cuja importância estava marcada pelo valor e quantidade das obras expostas, uma tal iniciativa marcava bem o progresso do comércio português. — *A' direita:* o sr. Presidente da República com sua esposa e sua neta, no acto da inauguração dos melhoramentos da Associação de Beneficência e Socorros «Amadeu Duarte», da Parede

O festival desportivo promovido pelo Gimnásio Feminino de Portugal (em organização) nas Amoreiras com o concurso duma equipa do Feminino Atlético Clube do Pôrto, foi concorridíssimo, como seria de calcular. Surgiram algumas dificiências, é certo, mas, atendendo ao esfôrço e boa vontade dispendidos por tantas e gentis senhoras, o público aplaudiu sinceramente, na convicção de que o futuro trará mais e melhores provas



A «Feira das Colheitas» — patriótica iniciativa da Câmara Municipal do Pôrto — inaugurada no Palácio de Cristal pelo sr. ministro da Agricultura, constituiu um certame revelador da actividade agrícola e industrial duma grande e laboriosa região portuguesa. — *A' direita:* o sr. ministro da Agricultura ladeado pelas autoridades superiores do distrito, pouco depois da solene inauguração da «Feira das Colheitas»

A QUINZENA DESPORTIVA



A representação do Sporting, vencedor absoluto dos Jogos Nacionais, desfilando no Estoril por ocasião da festa inaugural

Após três semanas de actividade variada concluíram os Jogos Desportivos Nacionais, eclética organização da iniciativa de *Os Sports*, patrocinada e auxiliada pela Sociedade Estoril e pela Propaganda da Costa do Sol.

Desde as épocas remotas da Sociedade Promotora de Educação Física e dos seus jogos Olímpicos Nacionais, que reüniam sob a égide das respectivas entidades dirigentes oficiais os campeonatos portugueses de tôdas as modalidades praticadas há um quarto de século, nunca no nosso país alguém se abalançara a tão vasto empreendimento, como nunca também, em tempo algum, as agremiações de desporto tiveram para disputa tão avultada e valiosa soma de trofeus.

A arrojada organização de *Os Sports*, levada a bom termo sem largas preparações, antes quási de improviso, assinala uma data triunfal na história do desporto português, e para aqueles que assumiram o espinhoso encargo da sua realização prática, em primeiro plano dos quais o director do jornal, Raul Oliveira, a vitória da vontade e do espírito de trabalho sôbre a tradicional rotina e os clássicos embaraços dum meio mesquinho e divorciado do ideal desportista.

Numa análise de conjunto dêstes jogos desportivos, que estimaríamos poder designar 1.os jogos desportivos, dando assim a impressão de provável continuïdade, há diversos factores a considerar separadamente, porque cada um dêles exerceu no resultado final influência diversa.

Já indicamos o primeiro, que é a própria organização, meticulosa, cuidada, realizando nalgumas modalidades, como o atlétismo, o autêntico milagre de criar uma pista onde era possível correr, num campo de rocha e calhaus.

Entregando as diversas competições à superintendência técnica das entidades oficiais desportivas que as regem, os organizadores garantiram a cada prova a mais absoluta regularidade e inteira independência de julgamento; proporcionando amplas facilidades aos elementos responsáveis, permitiram-lhes acção franca e, em conseqüência, perfeita realização dos vários torneios.

Para o mundo do desporto português ficaram dos jogos alguns ensinamentos preciosos, utilíssimos para futuro, mostrando como é possível levar a bom termo iniciativas largas desde que se trabalhe com decisão e firmeza e também permitindo avaliar concretamente os recursos do meio para corresponder a apêlos lançados de surpresa, como êste o foi.

Somos, assim, levados a apreciar agora o segundo factor, que é a actividade desenvolvida perante os jogos pelas colectividades desportivas; sem rodeios, diremos afoitamente que ela foi absolutamente louvável e até prestigiosa para a orgânica social do desporto português.

Colhidos imprevistamente pela organização dos jogos, que foram anunciados quinze dias antes do encerramento das inscrições e menos dum mês antes do início das provas, os clubes conseguiram reünir a sua melhor representação e competir — com raras excepções que adiante referiremos — no mais legítimo espírito desportivo, com ardor, entusiasmo e correcção insuperáveis.

Lástima foi, e é êste o factor negativo do grandioso torneio, que o público não correspondesse ao interêsse das competições, faltando em absoluto com o incêntivo da sua presença; nada mais desagradável para quem organiza, alheando por completo quaisquer propósitos financeiros, do que assistir ao desenrolar das provas ante bancadas regularmente vasias.

O público de Lisboa vale-se ainda como atenuante do encargo pesado que representa a deslocação ao Estoril, e neste ponto parece-nos que erraram os organizadores não facilitando a viagem por meio de bilhetes especiais válidos para os combóios correspondentes ao horário das provas; mas a população veraneante do Estoril e arrabaldes não pode apresentar desculpas para o seu desinterêsse, além do "snobismo" que prefere os "cocktails" elegantes nas mesas do Casino ou as exposições de nú artístico nas areias da praia, ao espectáculo são e másculo das competições desportivas.

Verificamos, portanto, que a expansão do desporto na sociedade portuguesa está muito longe de haver adquirido o desenvolvimento que por vezes as aparências parecem indicar e, para conseguir o triunfo definitivo, precisamos primeiro criar uma mentalidade diferente e ainda apenas esboçada.

Ainda que outra virtude não tivesse tido a sua obra, devemos agradecer aos promotores dos jogos terem-nos feito vêr esta verdade.

■

A classificação final do torneio não correspondeu ao que os prognósticos gerais haviam estabelecido. Dos grandes clubes favoritos apenas o Sporting Club de Portugal manteve galhardamente os seus créditos, conquistando com larga vantagem a primeira posição, mas os postos imediatos vieram a ser ocupados por agremiações nas quais ninguém depositaria antecipadamente um átomo de confiança.

O velho Internacional atravessava crise gravíssima que o fizera quási desaparecer das competições; ressurgiu auspiciosamente e a legítima vitória no torneio de tennis, adicionada à segunda classificação na prova de esgrima obtida por um elemento de empréstimo graças ao favor dum regulamento discutível, garantiu-lhe o segundo lugar na classificação geral pela fôrça da dispersão de classificações parciais dos restantes concorrentes.

Mais extraordinário ainda é o caso do Clube Nacional de Natação, cuja posição de segundo no certame náutico foi inegavelmente devida a um favor pouco desportivo e nada leal dos adversários na prova decisiva. Ofereceram-lhe assim dois pontos que a todos pareceram inofensivos, mas como o clube veio a ganhar o concurso literário, somou cinco pontos e adeantou-se àquêles que lhe haviam feito o favor e se devem ter arrependido quando já não havia remédio.

O Sporting, que foi o único concorrente que se apresentou em tôdas as provas apenas com elementos seus, cotou-se como vencedor absoluto dos jogos, pelas suas vitórias em atletismo e ciclismo e segundas classificações em tiro e concurso literário. Seguiram-se-lhe, como dissemos, Internacional, Nacional de Natação, Ateneu e depois um grupo em igualdade, composto pelo Algés, União Lisboa, Centro Nacional de Esgrima e Benfica.

Estas posições relativas surpreendem e estão, de facto, muito longe de traduzir o mérito relativo das colectividades em luta.

Se considerarmos as posições de cada agremiação em tôdas as competições do programa, e não apenas as três melhores de cada, valendo-nos da escala de facto nas provas individuais ou de conjunto e, nas provas por eliminação, do número de representantes presentes nos meios-finais e quartos de final, encontramos uma classificação muito mais razoavel:

1.º Sporting, 48 pontos (1.º no atletismo e no ciclismo, 2.º no tiro e no concurso litérario, 5.º em tennis e 7.º em natação)!

2.º Belenenses, 38 pontos (3.º em atletismo e basket, 4.º em natação e ciclismo, 7.º em tennis e tiro).

3.º Benfica, 36 pontos (2.º em atletismo, 3.º em tiro, 4.º em basket, 5.º em esgrima e natação).

4.º Internacional, 35 pontos (1.º em tennis, 2.º em esgrima, 5.º em atletismo e tiro, 7.º em natação).

5.º Ateneu, 29 pontos (1.º em tiro, 3.º no concurso literário, 4.º em atletismo e 7.º em esgrima).

Servem estas considerações, que aliás em nada modificam a situação regulamentar dos 33 clubes participantes nos jogos ao cabo das oito provas disputadas, apenas para traduzir uma mais exacta comparação entre as actividades de conjunto de cada um dêles, que a classificação oficial interpretou caprichosamente.

Em desporto, aliás, são frequentes estas surprêzas, desculpadas sempre pela clássica invocação da "gloriosa incerteza do desporto", motivo sempre de interêsse e emoção. Por mais seguro que se esteja do próprio valor, nunca existe a garantia do triunfo.

Para lastimar foi o alheamento dos adeptos clubistas...

E mais deploravel ainda foi o alheamento de criaturas com responsabilidades de alta orientação no meio e que apenas justificam o título de apóstolos da causa, que a si mesmos outorgavam, quando se trata de iniciativas ou empreendimentos que tragam rèclamo aos seus nomes.

SALAZAR CARREIRA.

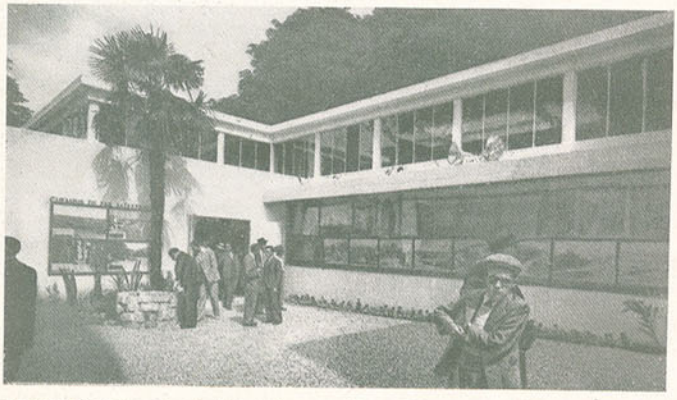
Grupo dos finalistas e do júri da prova de espada; o primeiro à direita é o vencedor, Vasco do Couto

Ao passar a oitava barreira, Palhares Costa, Guilherme Vasconcelos e Fernando Ferreira, seguem já pela ôrdem com que cortarão a meta

As gentis raparigas que participaram nas provas de atletismo, apresentam num friso encantador os mais graciosos sorrisos

FIGURAS E FACTOS

«Revolução Espanhola» é o título do novo livro de Rolão Preto e pode ser considerado um dos mais perfeitos que sôbre êste assunto tem saído dos prélos. Focando aspectos e homens, faz realçar a grandeza das ideias. Ali se vê «como as almas se mobilizam e como se fazem marchar as almas... as almas dos homens, para salvar a alma da Nação».



Na Exposição Internacional de Paris figura também a Palestina com o seu pavilhão em que se patenteia a formidável tenacidade dêsse povo através de séculos e séculos de adversidade. Ante os grandes exemplos de nacionalismo que tantas nações estão apresentando ao Mundo, sobressai o dos judeus que têm sabido manter através dos tempos a fé inquebrantável nos destinos da sua pátria. Vencidos pelos faraós, reagiram. Os faraós ruíram, os judeus ficaram. Grande e sublime exemplo!

A morte acaba de nos arrebatar um querido companheiro de trabalho — o sr. Luiz Ferreira Baptista — que teve a seu cargo durante anos a secção charadística. Morreu na flôr da vida, quando lhe sorriam as mais gratas esperanças a que os seus belos dotes de talento davam o direito legítimo de acalentar. Assim é a nossa existência por êste Mundo: um doloroso enigma de difícil solução.

Na piscina do Sport Algés e Dafundo realizou se um grande festival de natação promovido pela Brigada Naval da «Legião Portuguesa» que decorreu com grande brilhantismo, na presença do sr. ministro da Marinha. As provas decorreram com o maior interêsse, vendo-se, na gravura acima, o sr. ministro da Marinha assistindo à sua evolução. — *À direita:* o sr. ministro da Marinha com os novos cadetes a bordo do navio-escola «Sagres», que vão fazer o cruzeiro da Africa e da América do Sul

Na sessão inaugural do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, a que se dignou presidir o Chefe do Estado, e em que foram distribuídos prémios às alunas que mais se distinguiram durante o último ano lectivo, o sr. coronel Ferreira Simas, director daquele modelar estabelecimento de ensino, proferiu um magnífico discurso que foi delirantemente aplaudido pela assistência

GUIMARÃES, BERÇO DA NACIONALIDADE

Para todo o português que sente verdadeiro amor pela sua Pátria, que tem o culto do seu país, que respeita o passado, venera a tradição e espera o futuro, Guimarães é uma peregrinação obrigatória.

A formosa e austera cidade, que situada já na parte grandiosa do Minho, que em altas serranias se levanta, onde fragas colossais, nos lembram que Trás-os-Montes não está muito longe, foi escolhida pela Providência para ser o berço da monarquia e da nacionalidade portuguesa.

Nasceu a cidade no século x em deserta varzea minhota, rodeada de colossais montanhas e ásperas penedias. Os condes de Munermadana, senhores poderosos e ricos da Galiza, fundaram a vila; e a condessa, que morreu no princípio do século xi, deixou a vila já em bastante aumento.

No seu grandioso castelo se instalou o conde D. Henrique que pelo seu casamento foi o segundo senhor de Guimarães e ali naquele castelo que na época devia ser terrível nasceu D. Afonso Henriques o fundador da monarquia o creador da nacionalidade, o conquistador do país então em mãos moiras.

Quem chega a Guimarães sobe logo ao castelo que cuidadosamente é restaurado desde há alguns anos, para que se não perca tão grandiosa relíquia do passado e do alto das suas muralhas contempla a vastíssima e soberba paisagem. A seus pés tem a pequenina igreja românica onde Afonso Henriques foi batisado e em face as ruínas do grandioso palácio do duque de Guimarães, o orgulhoso Bragança.

E' ali que sentimos palpitar o coração de emoção ao pensar que aquelas pedras ouviram os primeiros vagidos do grande homem que havia de ser o creador duma Nacionalidade, que deu lições ao Mundo e que abriu tão vastos caminhos à humanidade descobrindo o caminho de outros mundos e pondo em contacto, tôdas as civilizações.

Portugal nasceu em Guimarães e o velho castelo feudal é o solar de Portugal, dêste grande Portugal, grande pela história, grande pelo seu Império colonial e grande pela coragem dos seus homens que hoje como então sabem levantar a cabeça e combater pelos seus ideais de nacionalismo puro.

Dizer que Portugal é pequeno, porque na Europa não se estende muito o seu território, é faltar à verdade, porque o seu Império colonial como território, e a sublime epopeia que é a sua história tornam o nosso país, um dos maiores.

Mas voltando a Guimarães a formosa e austera cidade, cujas velhas ruas são ladeadas por solares das mais nobres famílias de Portugal, e, onde se respira êsse ar de distinção daqueles que têm um passado de gloriosas tradições atrás de si, muito temos que ver e admirar, porque Guimarães está cheia de obras de Arte, de arquitectura magnífica e de museus dignos de serem visitados.

Na pequena cidade de província existem dois museus, sem contar as igrejas que são também verdadeiros museus de Arte Sacra.

O museu Martins Sarmento, museu de arqueologia é interessantíssimo e possue um admirável conjunto de arqueologia monumental, numismática, epigrafia, cerâmica e gravuras. Tem uma enorme biblioteca e está instalado num lindo edifício que por si só é uma obra de arte.

O museu Alberto Sampaio, pequenino museu que é um verdadeiro mimo e de maior interesse para todos os que se interessam por Arte, está instalado junto à igreja de Nossa Senhora da Oliveira, Colegiada de Guimarães, num encantador claustro domânico do século xiii, e contém verdadeiras maravilhas desde a entrada artisticamente decorada com talhas douradas, até à última sala onde estão expostas maravilhas de ourivesaria antiga, algumas peças de Guimarães pois a vetusta cidade foi célebre pelos seus lavrantes de prata e ouro.

Entre algumas das maravilhas, que abriga êste museu não posso deixar de citar o altar Castelhano de Aljubarrota, do século xiv altar que foi tomado ao rei de Castela pelos portugueses. Em prata dourada admiràvelmente cinzelado êste tríptico, é uma preciosidade que orgulharia qualquer dos melhores museus da Europa.

Uma das mais lindas peças dêste museu é a cruz gótica em prata com ornamentação persa e mudejar, obra dos ourives guimarenses, e, um encanto de trabalho.

Em cálices há verdadeiras preciosidades não só em trabalho português como francês com os seus esmaltes de Limoges.

Mas nem só pela arte se distingue Guimarães. A aristocrática cidade orgulha-se e com razão de ser também uma cidade industrial, e são célebres em todo o país as suas fábricas de cutileria e de fiação e tecidos de linho. Célebres foram e são ainda os seus ourives.

Atestam-no as lojas de Guimarães onde vemos os mais lindos trabalhos em ouro, e, sobretudo, essas lindas arrecadas e brincos chamados a rainha, que enfeitam as orelhas de tôdas as mulheres da província do Minho.

As linhas por tôda a parte desdobram as suas adamascadas pregas, em tecidos duma delicadeza e finura que são uma verdadeira tentação para as senhoras que têm o louvável coquetismo do seu lar.

Guimarães tem como deve ter tôda a cidade que merece ser visitada, a sua casa de turismo, que me deixou encantada com a gentileza com que fui recebida e onde me foi oferecida a fotografia que acompanha êste artigo.

Como tôdas as cidades, Guimarães tem o seu centro. É a antiga praça do Toural, hoje praça D. Afonso Henriques tendo ao centro uma bela estátua de Afonso Henriques.

Nos seus arredores tem Guimarães maravilhas sendo uma delas a Penha, deliciosa estância de meia altitude a 617 metros, a que óptimas estradas conduzem. A vista é deslumbrante e os sombrios penhascos agrestes e rudes, o arvoredo frondoso, as águas cristalinas, tornam a Penha um sítio de repouso delicioso, para o que muito se presta o pequeno, mas confortável e limpo hotel, que faz lembrar certos hoteizinhos simples da Suíça.

Num dos altos penhascos da formosa estância está esculpida uma enorme águia em homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral e em parte nenhuma podia estar melhor situado um monumento aos dois herois do ar, que reviveram nos nossos dias, a gloriosa época das descobertas.

Uma linda escultura em pedra arrancada ao próprio penedo onde assenta, atesta a gratidão dos motoristas a S. Cristóvão o bom santo seu patrono, o santo gigante, que os tem protegido na subida e na descida da alta montanha, tão bem organizadas uma e outra, que os automóveis sobem por uma estrada e descem pela outra, evitando-se assim, desastres que se poderiam dar em dia de grande concorrência.

Bem próximo de Guimarães, nos seus arredores, temos também as Caldas das Taipas a interessante estância termal nas margens do poético e lindo rio Ave. Esplêndidas para o tratamento da pele, artritismo e intestinos, são muito aprazíveis e têm muito bons hoteis onde se pode estar admiràvelmente. Para os apaixonados de arqueologia as termas romanas têm o maior interêsse e demonstram-nos, como os romanos tão civilizados, sabiam aproveitar as preciosidades dos países conquistados e Portugal com os seus mananciais tão ricos de águas medicinais, ofereceu-lhes um belo campo para a instalação de termas.

Centro de turismo, Guimarães, oferece lindos passeios e ligada ao Pôrto pelo combóio e esplêndidas estradas, está em contínua comunicação com a capital do Norte. A Citânia de Briteiros a 7 quilómetros da cidade é interessantíssima e talvez uma das mais completas ruínas das estações luso-romanas do país, passeio imprescindível dos estudiosos e atracção de turismo.

Guimarães é a irmã mais velha de Braga linda como a sua irmã. Mas duma beleza mais severa, menos desenvolvida como cidade moderna. Mais ciosa dos seus pergaminhos e da sua antiguidade, Guimarães, é a personificação da antiga fidalga, um pouco orgulhosa e soberba à primeira vista, mas nobremente acolhedora. Como Braga tem o Bom Jesus, tem Guimarães a Penha e ali na pequena capela do Relicário a devoção à Virgem Maria, que mais se manifestará na linda capela em construção em honra da Imaculada Conceição. No último píncaro da Penha existe uma estátua do Santo Padre Pio IX e é impressionante ver naquela imensa altura em frente dum vastíssimo panorama, que abrange três distritos, tendo ao fundo o mar e muito ao longe Santa Luzia, aos pés a cidade de Guimarães, dò outro lado a vila de Fafe, a estátua daquele que viveu prisioneiro no Vaticano. Em vida o seu olhar esbarrava com os limites da cidade Vaticana, ali no alto da Montanha a sua efígie abrange um panorama vastíssimo. É como que uma compensação à sua voluntária reclusão esta homenagem da cidade de Guimarães, ao Chefe da Igreja Católica Apostólica Romana, homenagem que fica bem numa cidade que foi o berço duma nacionalidade católica entre as primeiras.

É pois Guimarães pelo muito interêsse que a reveste debaixo do ponto de vista histórico, artístico arqueológico e pitoresco um ponto obrigatório de turismo em Portugal e é bom que todos os portugueses visitem esta cidade.

É bom, porque o português que tanto gosta de viajar, deve conhecer bem o seu país e sobretudo ver a cidade que foi o berço da nacionalidade, cidade que faz vibrar no peito a fibra do patriotismo.

E nessa linda tarde em que do alto da muralha do castelo contemplei a cidade aos meus pés e evocava a voz do passado sonhei, como seria linda uma reünião da Legião e da Mocidade Portuguesa, junto ao Castelo de Guimarães, um desfile em volta das muralhas, do Solar de Portugal.

Desfile como o que se fez na Capital no dia 28 de Maio, desfile que afirmasse às velhas muralhas, que viram nascer Portugal, que o patriotismo existe em corações portugueses, e que hoje como então todos estão prontos a sacrificar-se para manter brilhante e livre a nacionalidade.

Maria de Eça.

A adulação é uma das formas mais repelentes da maldade humana, porque muitas vezes leva ao mal debaixo do aspecto do elogio, e o adulador esconde com a maior hipocrisia, e seu intento de levar aquele que corteja a fazer o que a êle próprio interessa.

E no entanto é triste ver o desenvolvimento que tem na sociedade dos nossos dias o monstro da adulação.

Adulação que muitas vezes assume aspectos engenhosos, aparências insuspeitas, manifestações que parecem ingénuas e de que no entanto é necessário acautelar-se.

E a insídia mascara-se tão bem que é difícil descobri-la e engana de maneira a que se troque o adulador pelo amigo sincero, e ás vezes homens a quem não falta o bom senso, e que têm mesmo uma vastíssima inteligência, que acolheu com prazer o adulador, que conhece a arte de os atacar pelo seu lado fraco.

Este mal é irremediável e dêle vem, que vemos muitas vezes pessôas em situações em destaque, que não têm o mais pequeno valor, enquanto que outras de reconhecida competência vegetam tôda a vida nos bastidores da vida.

Poucas são as pessôas que têm a coragem de reagir contra a adulação aberta e francamente; mesmo porque justo é dizê-lo, é difícil combater esta arma que se manifesta muitas vezes debaixo do aspecto da sinceridade, até da aspereza, como também debaixo da mascara da austeridade, da severidade e da vigilância amiga.

Não são aqueles que cara a cara fazem elogios, que se dobram em mesuras até ao chão, que protestam uma admiração sem limites, os mais perigosos. Não vem grande mal desses em que se reconhece á primeira vista qual o seu intento.

Perigosos gravemente perigosos são aqueles que fingem, não adular, esses que conhecem mil maneiras, mil subterfúgios para exercer a sua arte.

Quantos homens de valor, de inteligência inegualável tem sido levadas pelos aduladores a proceder de maneira, que descem a cometer acções que nunca pensariam fazer, e é esta a maneira de as inutilizar, porque a adulação anda a par da inveja e consegue muitas vezes aniquilar aqueles a quem prodigalisou toda a espécie de elogios.

Mas se a adulação é perigosa para o homem em todos os terrenos da sua actividade, se ela como a serpente se pode enroscar na sua vida, afagar na sua vaidade, arrastar nos seus maus conselhos, para a mulher a adulação é o mais sério dos escolhas, aquele para o qual parecia de ser o melhor piloto, se não quer ver naufragar a sua vida, no mar tempestuoso da infelicidade.

Mais ingénua do que o homem e muito mais vaidosa também, a mulher é a maior é a maior vítima da adulação. Para lhe dizerem que é bonita, que é incomparavel, que é a mais elegante a mais «chic», ela não espera que o façam, prepara ela própria o terreno onde a adulação pode fazer as suas evoluções e levá la ao fim que deseja, seja êle qual fôr.

Ha mulheres inteligentes, que a tôda a hora dizem que são feias, para lhes dizerem que são bonitas; é a adulação que as espreita, para qualquer fim, não deixa perder a ocasião e ei vem o desejado dilúvio de elogios, que afaga a vaidade, que dilue a vontade e que torna a mais voluntariosa mulher num ente de que se dispõe a bel prazer.

Elogio anima-o, estonteia-a, tira-lhe todos os seus meios de defeza e o homem tão bem o reconhece, que é êsse um dos seus meios de sedução, elogia, não porque sinta o que diz, mas porque sabe que é êsse o meio seguro de chegar ao fim que deseja, seja êsse fim puro e honesto ou seja êle para a desgraça daquela, que a sua adulação envolve, na teia segura, do afago a vaidade.

O adulador conquista com mais segurança do que a aranha envolve a mosca na sua bem tecida teia, porque sabe bem revestir da máxima hipocrisia a sua adulação, fazendo-a muitas vezes revestir o aspecto da acusação de que é difícil desconfiar, quando se é sincera e simples.

É preciso pois educar a mulher no desprezo do elogio, fazer-lhe compreender o que ha de falso em certas admirações e elogios, sejam êles de amigas ou de pretendentes, fazer-lhes ver desde cedo quais os inconvenientes duma vaidade, que dá acesso as adulações interesseiras, daqueles que mais tarde as rodearão de falsas aparências de admiração.

A adulação não tem entrada junto daquelas que se reconhecem pelo seu justo valor e que sabem o que são, habituadas desde creanças a conhecer-se e a saber ver as suas qualidades e os seus defeitos, e a não viver do aplauso dos outros, mas sim do que a sua própria consciência lhes diz.

É preciso que a mulher moderna se revista duma couraça contra a adulação que hoje mais

do que nunca campeia infrene e essa couraça só uma sólida educação moral a pode dar.

Uma educação profunda que atinja completamente a alma e que torne improficuos todos os meios de adulação, e assim desaparecerá da sociedade o adulador perigoso; respirando-se uma atmosfera de sinceridade, que torne puro o ambiente e no qual possam florescer e reconhecer-se aqueles que têm verdadeiro mérito.

E assim se libertará a sociedade dum monstro, que a envolve e a tolhe, sem que ela disso se aperceba e por isso, sem que o combata.

MARIA DE EÇA

PÁGINAS FEMININAS

A moda

Está lançada a moda de inverno que faz a sua aparição nas corridas de Longchamps, o centro da elegância parisiense, porta-voz do «chic» para todo o mundo.

Como sempre acontece nesta primeira aparição das modas, há exageros e faltas de gosto que a mulher parisiense com a sua intuição do que deve usar-se, corrige com facilidade, mas que nos previne que as primeiras modas, que aparecem em Longchamps, não são as que serão adoptadas.

Nos chapéus, sobretudo, foi notada a tendencia para o exotismo, chegando a dizer-se que só raparigas muito novas poderiam usa-los e alguns exigiriam mesmo uma rara beleza, mas tudo isso se modifica e acabaremos como em tôdas as estações por ter os chapéus que ficam bem a tôda a gente.

Nos chapéus devemos ter o maior cuidado em nos precipitar e procurar o que melhor vai ao parecer de cada uma.

Há chapéus elegantissimos e de grande «chic» mas que não são para todos os rostos nem para tôdas as pessoas. Que importa que seja a última novidade, senão favorecer quem os usa? E' preciso em tudo atender ao tipo, escolher com arte o que nos faz melhor do que somos e não para estar à última moda destigurar-nos completamente. Nos vestidos deve haver o mesmo cuidado.

Quem sabe escolher anda sempre bem, e muita vez sem dispender muito. No gosto em que se escolhe está o segrêdo da elegância.

Para esta meia estação, damos alguns modêlos que com a suavidade do nosso clima poderão ser usados pelo inverno dentro.

Temos dois lindos modêlos, para «tailleur», um em fazenda azul-escura, com riscas cinzentas. Uma blusa em «piqué» de seda branca completa êste vestido, género alfaiate puro, e, da maior elegância pela segurança do seu córte. Os vestidos alfaiate axigem um córte impecável. Luvas azuis escuras, sapatos e carteira do mesmo tom, fazem um conjunto perfeito que o feltro gracioso e juvenil completa. E' um género que tem sempre adeptos e não é sem motivo, porque em geral resulta bem.

A «toilette» ao lado é também muito bonita e «chic». Saia e casaco em quadradinhos beige e castanho, saia de prégas e casaco simples sem exageros de mangas, sobre êle, casaco de agasalho em grossa fazenda de lã castanho ferrugem.

«Écharpe» e «béret» em veludo ferrugem, luvas em pele de cavalo.

E' um conjunto muito próprio para desporto e viagem e também muito prático para as senhoras que têm saídas diárias obrigatórias. Para «toilette» de desporto temos êste elegante «trois quarts», muito gracioso e dum grande «chic». A saia é numa fazenda castanha quadrilhada de «beige», «chandaille» em malha de lã castanha, feita à mão e para a qual póde servir o último modêlo que démos, casaco «trois quarts» em veludo de lã felpudo «beige». Muito amplo e bem cortado é muito flexivel e cómodo êste casaco.

Chapéu grande em feltro «beige», guarnecido simplesmente com uma fita «grosgrain» castanha.

Outro confortável e elegantissimo conjunto o desta «toilette» duma simplicidade prática inegualável. Vestido em lã preto com «poin» brancos. Casaco em «tweed» grosso de grande agasalho, cinzento, de fórma «raglan» têm uma linda gola e elegantes bandas. Um bonito lenço em seda de cores alegres ao pescoço. Chapéu em «flamond» preto guarnecido com penas cinzentas. Sapatos em camurça e verniz pretos, luvas pretas.

Para a noite dois lindos e elegantissimos vestidos em «lamé». O «lamé» volta a estar muito na moda. O da esquerda é da máxima simplicidado como o exige o suntuoso tecido em que é confecionado. Um ligeiro franzido apanha na frente o corpete, tôda a sua beleza reside no «lamé» de ouro, que têm de ser do melhor e nas lindas joias que o completam.

O da direita é um elegante vestido em «lamé» de prata, vestido princeza com a saia muito ampliada por «godets» metidos em bico. O alto do corpo que forma o decote é guarnecido por um estreito folho em forma, as alças são feitas por tranças de «lamé». Ao peito grande rosa em veludo-rosa e folhagem de prata. As pérolas voltam a ter grande aceitação assim como as pulseiras.

É natural que assim seja, pois que, se é muito bonita a simplicidade, para a noite as joias são indispensáveis nas «toilettes» das senhoras.

Para as meninas é sempre preferível a simplicidade que faz realçar a sua frescura.

Estatística eloquente

Um professor paciente fez uma estatística sôbre o cinema. O número de espectadores, que pelo mundo vão ao cinema é de 250 milhões aproximadamente, por semana.

Cento e setenta milhões são jóvens com menos de vinte e cinco anos. O mesmo professor póde examinar os filmes exibidos nos cinemas de tôda a Europa durante o ano de 1934.

Trezentos dêsses filmes exibiam crimes de morte, cento e quatro roubos à mão armada, setenta e quatro casos chantage, quarenta e três fogos postos, catorze fraudes, seiscentas e quarenta duas cênas pornográficas, cento e oitenta e um casos de falsos testemunhos premiados, quarenta prejuizos graves morais, cento e sessenta e cinco furtos, cincoenta e quatro raptos de menores. Metade dêles casamentos infelizes por causas morbidas ou desuniveis morais. E depois ademiramo-nos que haja tanta maldade pelo mundo com tais escolas de moral.

E no entanto o cinema pode ser o melhor elemento educativo moral e artístico. E a prova tem já sido dada, em filmes encantadores e educativos. Porque se ha-de procurar o que há de mais baixo na humanidade para expor aos olhos da juventude que assim tem a mais terrível escola de maldade?

Se tôda a gente honesta do mundo que felizmente muita tem ainda, fizesse boycattage» a esses filmes, êles acabariam de vez e levar-se-ia aproveitando o tempo para realizar produções artísticas e belas que fizessem bem o espírito.

Esgrimistas

A mulher invade todos os campos masculinos e até no desporto compete com o sexo forte, mesmo naqueles de que a sua delicada sensibilidade, parece que a devia excluir. A esgrima é um destes. A mulher que não devia ser combativa apaixona-se pelo desporto da esgrima e eis o que dizem duas esgrimistas distintas num jornal de Bordeus:

«M.elle Denise Sarda diz que toda a vida sonhou esgrimir. «Quando era criança, o meu brinquedo preferido era pegar num pau e brincar aos duelos com meu irmão. Um dia êsse sonho tornou-se realidade. Foi em Outubro de 1927. Inútil dizer que comecei a trabalhar encarniçadamente.

A esgrima apaixona-me, é verdade que gosto de todos os desportos, mas recomendo êste particularmente a todas as mulheres porque não sòmente êle fortifica físicamente, mas também moralmente, sendo praticado com assiduidade. Eu o que desejo é trabalhar e tornar-me muito forte».

M.elle Marguerite Chapert acrescenta:

«Foi depois de ter assistido a varias festas de esgrima, que tive a idéa de fazer esgrima e reconheço que desde o princípio me senti muito interessada. Não é fatigante como se póde supor e para chegar a um bom resultado, é preciso apenas ter vontade firme e gostar do desporto. Eu trabalho regularmente a esgrima para me aperfeiçoar nêste desporto, que é a meu ver tão completo como gracioso e que todas as mulheres modernas deviam praticar».

E agora os homens que se acautelem porque a mulher não só deixará de precisar da sua proteção mas estará preparada para o atacar se fôr necessário. Acabaram-se os românticos duelos por mulheres, hoje em dia elas próprias se defenderão se isso se tornar necessário á ponta da espada. Vão longe os séculos da cavalaria.

Efeitos da civilização

A nossa época de invenções e de modernismo, tornou a vida das cidades um martírio. Muito bem pôsto está o nome da época do «engarrafamento». E não é só nas ruas das grandes cidades que se dá essa acumulação é em tudo o que diz respeito á vida humana que se póde dizer é esmagada pelas mil dificuldades da vida civilizada.

Nas famílias burguezas, faltam as criadas, as senhoras e meninas têm de trabalhar para que a casa esteja em órdem, o chefe de família para aumentar as suas magras rendas, junta ao seu trabalho quotidiano, as ocupações suplementares, para ganhar mais alguma coisa.

Os estudantes têm hoje um programa, que os sujeita a uma verdadeira escravidão intelectual. A sociedade elegante a que se chama ociosa, não sabe o que fazer, tanto se acumulam na vida dos seus membros, os chás, os «dancings», os cinemas, as conferências, os concertos, as exposições, as festas de beneficência, os teatros, os desportos.

Mas a condição mais lamentável é ainda a dos artistas, que vivem para a sua arte, sejam literatos, pintores, músicos, actores, jornalistas. Êstes cujo mister é de distraír o público figuram aos seus olhos como uma casta indolente, cujos dias passam sonhando, verdadeiros habitantes da lua, que todos invejam e é talvez por isso que tanta gente se julga no direito de os martirisar. Mártires das campainhadas, do telefone, dos pedidos, das apresentações do fotógrafo, das entrevistas, de todos os maçadores que querem desfilar no gabinete de trabalho da personagem conhecida.

Se recebessem todos e todos atendessem não teriam um minuto para consagrar á sua própria vida. Dormir pouco, não comer ainda é o menos, mas o peor é que não fica um minuto livre para

ver os que lhe são queridos. Em Paris, em Londres, em Berlim quando se trabalha para ganhar a vida está se separado uns dos outros por ruas congestionadas, por distâncias oceânicas. É verdade que fica o telefone, prazer de cegos, mas quantas vezes por ano ha tempo de telefonar aos entes queridos? A vida faz com que se telefone só por necessidade.

Higiene e beleza

Com a vida ao ar livre a pele delicada resente-se muito, e, muitas vezes com os primeiros frios declara-se um ligeiro acué, que desfeia a asseitinada cutis.

A melhor maneira de tratar êste ligeiro acué que se não deve desprezar, para se não tornar crónico e degenerar em acué de mau carácter é da seguinte maneira, que é bem simples e fácil.

Faz-se uma loção de comosinha, uma porção de comosinha que se deixa estar de infusão em 1/4 de litro de alcool a 45° durante três dias e que se junta a uma decoção de papoilas que se faz da seguinte maneira:

Faz-se ferver uma cabeça de papoila em dois litros de água e deixa-se reduzir até obter 3/4 de litro. Deita-se-lhe a comosinha e com um algodão lava-se a cara todos os dias com êste preparado, em seguida põe-se a seguinte pomada:

Resureina 5 gramas, óxido de zinco 25 gramas, amido 25 gramas, Lanolina 100 gramas.

Em poucos dias está-se bem. Se por acaso com a vida ao ar livre aparecerem sardas ligeiras, bater uma clara de ôvo em neve, depois juntar sumo de limão sem cessar de bater a clara, juntam se 250 gramas de água, 10 gramas de açúcar em pó. Estende se esta mistura na cara no sítio atacado pelas sardas e deixa-se ficar toda a noite.

De mulher para mulher

Curiosa: É já tarde, as matrículas já estão fechadas, mas estude línguas, com estenografia e dactilografia está preparada, para essa eventualidade que receia, e que eu lhe desejo que nunca venha. Em todo o caso tem razão, a mulher tem de estar preparada para o caso de precisar ganhar a sua vida honestamente, e, sem ficar a depender da família.

Moreninha: Minha senhora, hoje já não ha côres para morenas, nesta época do ano todas as senhoras são escuras de pele e usam todas as côres, em todo o caso aconselho-lhe o amarelo côr de oiro, ou o azul muito pálido. As peles hão de usar se quando vier o frio como todos os anos.

Violeta: — Querendo fazer as suas compras com economia não podia escolher melhor, e, creia que a mulher ganha sempre em ser económica, porque é o que lhe compete ser. Para a praia são encantadores os vestidos em «cretonne», com um grande chapéu de palha, aí têm uma bela «toilette».

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A, V. 5
Copas — R. 9, 8, 7, 6
Ouros — A. 3, 2
Paus — A. 10

Espadas — 8	**N**	Espadas — D, 4, 3
Copas — 10		Copas — V, 5, 4, 3, 2
Ouros — V. 10, 9, 8, 7, 9, 5, 4	**O** **E**	Ouros — R. D.
Paus — R. D. V.	**S**	Paus — 9, 8, 7.

Espadas — R. 10, 9, 7, 6, 2
Copas — A. D.
Ouros — — — —
Paus — 6, 5, 4, 3, 2

Trunfo espadas. *O* joga 10 de copas e *S* faz chelem.

(Solução do número anterior)

S joga 10 *c.*, **N** — V. c., **E** — D. *c.*
E » 2 *p.*, **S** — A. *p.*
S » R. *c.*, **N** — A. *c.*
N » 2 *c.*, **S** — 8 *c.* e a seguir R. *c.*, e 3 *c.*
N » 6 *c.*, 8 *c*, 4 *c.* e ouros.

Se **E** não entra da D. *c.*, **N** joga espadas e o jôgo decorre sensivelmente da mesma maneira.

Questão complicada

(Solução)

Construindo a cabana mesmo no Centro do Polo Norte.

No Estado de S. Paulo, o clima faculta a criação dos bichos de seda cinco ou seis vezes por ano, e esta criação é muito rendosa. Os criadores do bicho de seda encontram-se distribuidos por cêrca de 400 localidades, em número de 5.000. Todos têm um crescente e remunerador interêsse pela nova prática agrícola.

Uma colecção singular

É a que existe em Berlim, na vizinhança do Jardim Zoológico. Foi pacientemente coligida por um dentista, o doutor Hans Sachs e consiste em... palitos.

Há-os da época romana delicadamente cinzelados. Os começos da idade-média nada nos legaram mas, a partir do século XIV, vêem-se aparecer palitos de prata com lavores góticos.

Um pouco mais tarde, tomam a fórma de espadas, até mesmo com cruzes, e ornamentam-se com madonas ajoelhadas ou serpentes entrelaçadas. Na época do romântismo, possuem o aspecto de gôndolas venezianas e têm por ornamento cabeças de Napoleão.

Agora, então, não passam de simples bocadinhos de pau higiénico! O doutor Hans Sachs, desgostado com tamanha democratização, constituiu o seu museu para mostrar á nossa geração que, no passado, a higiéne se ligava muito bem com a arte.

Significação das unhas

As unhas longas e delgadas querem significar imaginação e poesia, amor das artes e preguiça.

Longas e chatas: é prudência, razão e tôdas as faculdades graves de espírito.

Largas e curtas: cólera e arrebatamento, controvérsia, oposição e teimosia.

Bem coradas: virtude, saúde, felicidade, coragem e liberalidade.

Duras e quebradiças: cólera, crueldade de rixa e querela.

Recurvadas em fórma de garras: hipocrisia e maldade.

Moles: fraqueza de espírito e de corpo.

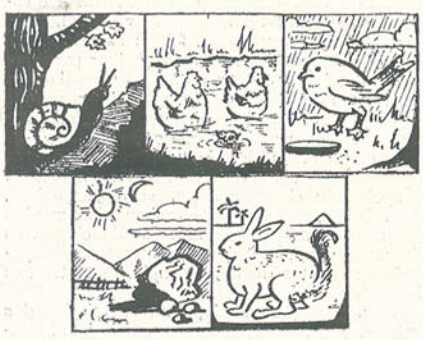
Curtas e roídas: estupidez e libertinagem.

Segundo estas indicações, ao pedir a mão, deve o homem olhar para as unhas da sua futura, e terá mais uma probabilidade de acertar.

Tal é o que procura perscrutar a unguigrafia.

Êrros estapafúrdios

(Passatempo)



Reparem nos desenhos dêstes cinco quadrados. O artista que os desenhou em todos fez alguns êrros.

Vejam lá quantos descobrem.

O francês Jobard, horticultor em Dijon, cita o facto seguinte por êle verificado. Na Normândia uma comuna esteve três anos sem abelhas, e, durante êste tempo, as macieiras floresciam abundantemente, mas as flores abortavam não chegando a produzir fruto. Logo que na comuna foram instaladas colmeias com abelhas, as macieiras voltaram a dar fruto.

O lume mais duradoiro

Em Chequers Inn, perto de Osmotherley (Inglaterra) existe uma pousada cujo forno arde há mais de 200 anos sem interrupção.

A razão disso é fabricarem-se ali umas tortas especiais, e terem os donos do estabelecimento seguido sempre o costume caprichoso de, a qualquer hora do dia ou da noite, poderem servir essas tortas recem-saídas do forno, a todo o freguez que se apresente.

De todos os animais, são os papagaios os mais afeiçoados à música. Logo que ouvem os sons de qualquer instrumento começam logo a palrar e a dançar.

Quadrado mágico

(Solução)

5	21	14	17	8
19	7	3	25	11
23	15	16	9	2
6	4	22	13	20
12	18	10	1	24

É de 65 a soma de cada fila, tanto horizontal como verticalmente, como nas duas grandes diagonais.

Os diferentes graus da ordem dos mandarins

Na China, todos os oficiais ou empregados civis e militares, estão divididos em nove ordens (Kiou-pèng), distinguindo-se umas das outras pelos famosos botões que se aparafusam por cima do chapeu oficial.

Os da primeira dessas ordens são de coral vermelho liso; os da segunda, de coral vermelho, cinzelado; os da terceira, de pedra azul claro; os da quarta de pedra azul baço; os da quinta, de cristal; os da sexta, de jade; os da sétima, oitava e nona, de cobre doirado trabalhado de diferentes maneiras.

Todos êstes letrados, cuja graduação é adquirida por meio de concurso, se designam pela qualificação geral de *Kouang-fou*. O nome de *mandarim* é totalmente desconhecido dos chinêses.

Quem o inventou foram os primeiros europeus que aportaram na China e deriva provàvelmente do verbo português *mandar* (do qual se fez *mandarim*) e que por sua vez é derivado do latim *mandare*.

Um garoto mexicano lembrou-se duma travessura: apanhou a jeito um pacote de alfinetes e foi-se ate ao pomar onde as maçãs tinham então o têrço do seu tamanho normal, começando a espetá-las ao acaso e nalgumas atravessou-lhes o pedúnculo com um alfinete grosso que deixou ficar. O resultado contràriamente ao que se possa supôr, foi magnífico, pois a a grande afluência de seiva provocada por êste corpo estranho fez com que tôdas as maçãs alfinetadas no pedúnculo tomassem um desenvolvimento muito maior.

De regresso das férias. *(Do «London Opinion»)*

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**
Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil, primário, secundário, superior e técnico

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livros de Medicina

Livros de Direito

LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do País, e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários escolares

Redução de preços dêstes Dicionários para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis, economicos, completos, em volumes encadernados

Português — 860 págs.	**12$00**
Francês-Português — 800 págs.	**13$50**
Português-Francês — 818 págs.	**13$50**
Inglês-Português — 920 págs.	**13$50**
Português-Inglês — 644 págs.	**13$50**
Latim-Português — 1.128 págs.	**25$00**
Francês - Português e **Português-Francês,** num só volume.....	**25$00**
Inglês-Português e **Português--Inglês,** num só volume	**25$00**

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras
cartonado... **10$00**

Encadernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA